



Vila Verde
Município

SANT'ANTONINHO O GUARDE!

HUMANOS E ANIMAIS NUMA ROMARIA DO MINHO: SANTO ANTÓNIO DE MIXÕES DA SERRA

JEAN-YVES DURAND



NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

PREFÁCIO

Uma bênção da nossa identidade

Mixões da Serra é um lugar situado na freguesia de Valdreu, num dos pontos mais elevados do concelho de Vila Verde, que reúne aquilo que de mais genuíno e pitoresco se pode encontrar num ambiente simultaneamente montanhoso e bucólico, de rara beleza paisagística.

Este lugar celebrizou-se, indubitavelmente, na região e mesmo em vários outros pontos do país, em resultado da secular Bênção dos Animais que tem lugar anualmente, no domingo que precede cada 13 de junho, o Dia de Santo António.

Os primórdios desta tradição remontam a uma época em que o pastoreio conhecia, nesta como em outras regiões serranas, uma ainda maior pujança e os pastores, então como hoje, se viam a braços com a imperativa necessidade de proteção dos seus rebanhos contra predadores e doenças que, não raro, os dizimavam. Dada a vital importância dos animais para a sustentabilidade económica das famílias e em virtude da sua fé inabalável, os pastores apelaram à proteção de Santo António. Como expressão do seu reconhecimento e no sentido da celebração desta santa proteção, foi edificada uma capela que depois viria a dar origem ao atual Santuário de Santo António de Mixões da Serra.

Entre as peculiaridades desta muito concorrida cerimónia emerge especialmente a significativa circunstância de os animais serem benzidos um a um e de haver ainda lugar para o cumprimento de promessas, socorrendo-se os fiéis, também, para o efeito, de imagens de animais em cera.

Além do caráter simbólico e eminentemente religioso da cerimónia da Bênção dos Animais, que atrai muitos milhares de fiéis de vários concelhos da região, são ainda de ressaltar as vertentes cultural, socioeconómica e lúdica de um evento que suscita a sã convivência e a partilha de experiências e sensibilidades entre os inúmeros convivas e concede uma inegável projeção às imensas e incomensuráveis potencialidades naturais e culturais do concelho de Vila Verde.

Na verdade, mais do que uma muito animada e efusiva romaria do Minho, Santo António de Mixões da Serra corporiza a simplicidade e a genuinidade do nosso povo que, no passado como no presente, reconhece a honradez e a insuperável dignidade do trabalho, assume orgulhosamente as suas crenças e, por conseguinte, dá testemunho da sua profunda e irrenunciável fé. Nesta, a exemplo do que acontece em várias outras manifestações e festividades,

o sagrado e o profano, em certa medida, entrecruzam-se e é possível sentir-se o verdadeiro pulsar das nossas gentes simples e trabalhadoras e a alegria de viverem e partilharem as tradições na sua plenitude.

No âmbito da candidatura ao “Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos - PA 2: Touring Cultural - Identidade Cultural do Minho”, surgiu a oportunidade de editar este livro, que reflete um olhar para a história desta secular tradição, mas também uma interessante narrativa antropológica sobre a romaria nos dias de hoje. Com mais esta publicação, pretendemos contribuir para a revitalização de Santo António de Mixões da Serra e, simultaneamente, potenciar novos fluxos turísticos ao concelho e à região.

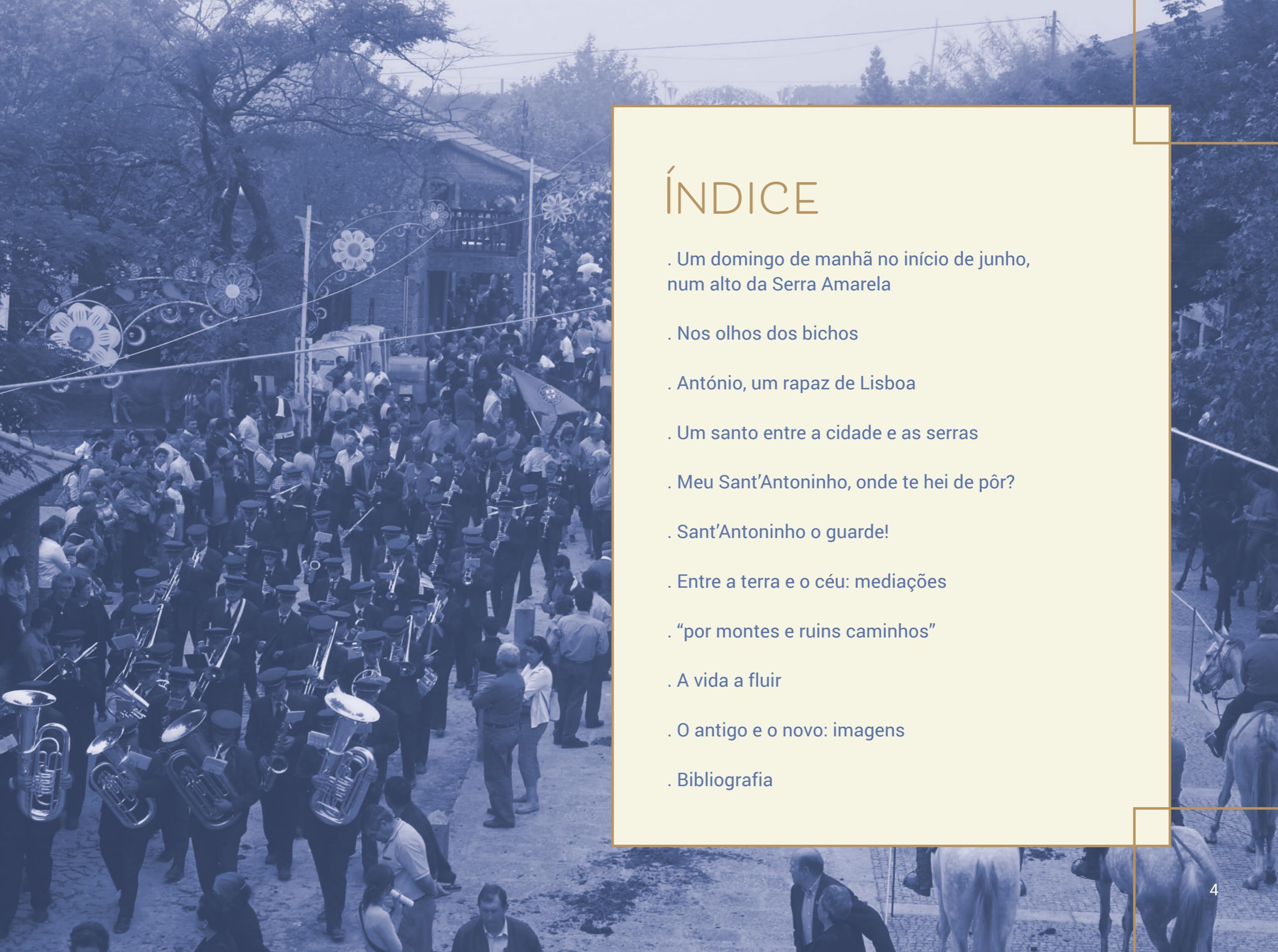
Cumpram-me enfatizar o elevado interesse cultural e a valia educativa desta obra dedicada a uma tradição e a um evento festivo que é parte integrante da identidade histórico-cultural do concelho de Vila Verde e constitui um invulgar exemplo de mobilização coletiva suscitada pela fé e pelas convicções de um povo fiel às suas origens, orgulhoso da herança cultural que recebeu e que se dispõe a preservar e a valorizar permanentemente, para que a mesma seja legada aos vindouros e nunca perca a sua vitalidade.

Acreditem que só presenciando e vivenciando esta singular experiência se pode compreender, na sua verdadeira essência, o alcance, a intensidade, a genuinidade das atitudes relativamente à religião e às cerimónias que lhe são inerentes e, bem assim, a significância das relações com os animais.

Ao arrepio da tendência crescente para se conferir maior importância a outros valores, quiçá mais materialistas e ao sabor das modas, em Santo António Mixões da Serra, a tradição continua a imperar e são ainda a fé e a autenticidade das manifestações da cultura popular que ditam as suas regras e movem as pessoas no sentido da participação num cerimonial que merece ser por todos testemunhado e vivenciado.

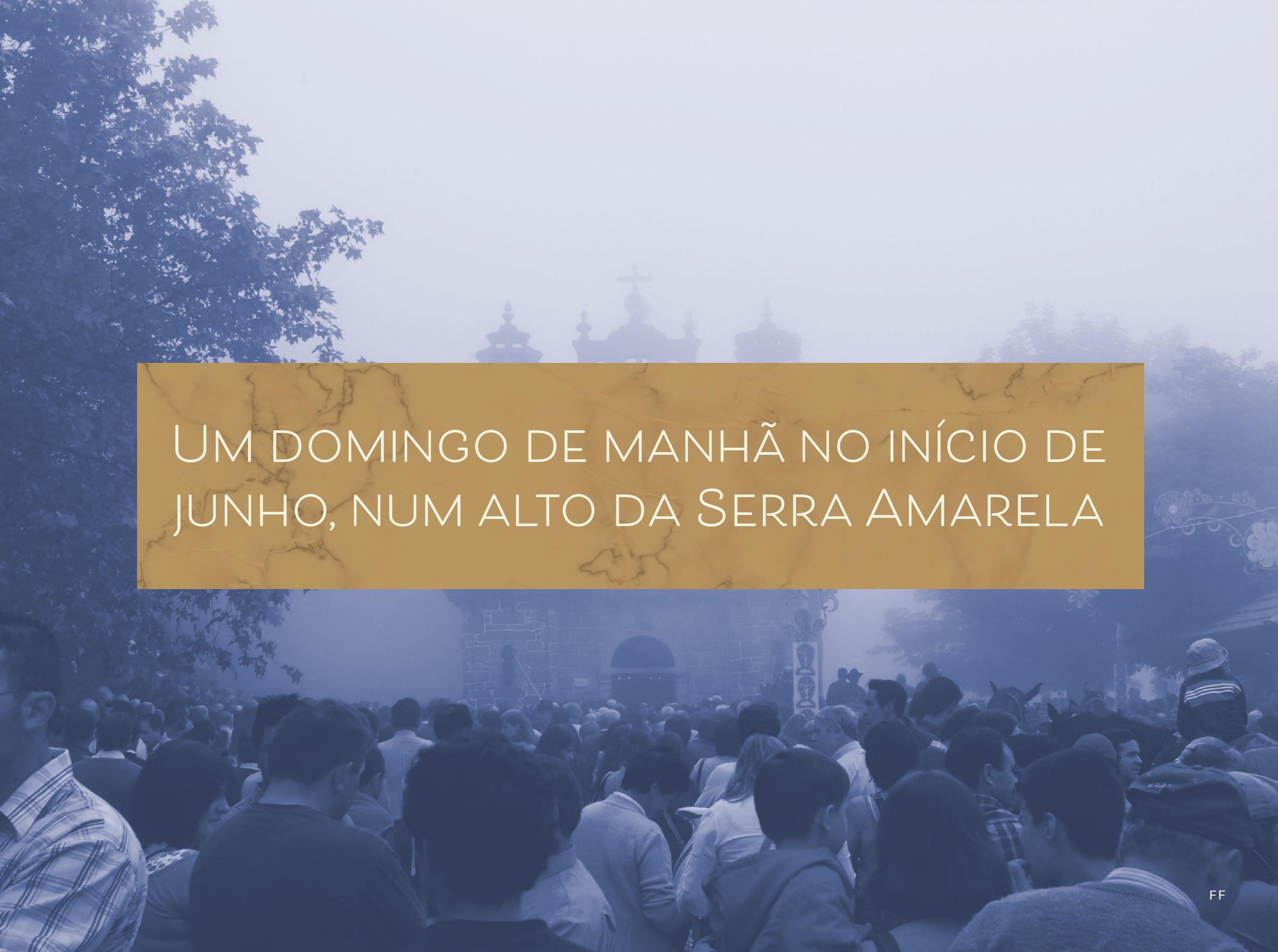
Esta manifestação da cultura e da religiosidade do nosso povo faz jus à convicção de Albert Einstein, genial cientista para quem, “além das aptidões e das qualidades herdadas, é a tradição que faz de nós aquilo que somos.”

**A Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde
Dr.ª Júlia Rodrigues Fernandes**



ÍNDICE

- . Um domingo de manhã no início de junho,
num alto da Serra Amarela
- . Nos olhos dos bichos
- . António, um rapaz de Lisboa
- . Um santo entre a cidade e as serras
- . Meu Sant'Antoninho, onde te hei de pôr?
- . Sant'Antoninho o guarde!
- . Entre a terra e o céu: mediações
- . “por montes e ruins caminhos”
- . A vida a fluir
- . O antigo e o novo: imagens
- . Bibliografia



UM DOMINGO DE MANHÃ NO INÍCIO DE
JUNHO, NUM ALTO DA SERRA AMARELA

Uma massa viva, compacta, cor de mel acastanhado, encimada por sinuosidades reluzentes acabando em agudas pontas pretas e laços de fitas vermelhas e verdes que a brisa faz ondular. sete vacas esperam lado a lado. Indiferentes? Inquietas? Talvez irritadas pela confusão de gente, cavalos e cães à sua volta? Mas ficam quase imóveis. As extremidades das correias cruzadas e apertadas na base dos seus cornos estão nas mãos dos homens que conversam ao seu lado, como que indiferentes à presença dos animais que só vigiam pelo canto do olho, apoiados em longos paus que elas sabem serem rijos, por já os terem sentido nas costas.

Em frente a este grupo, no fundo do largo, dois torreões tentam dar um ar medieval à igreja. Mas a imponência quieta das vacas, a densidade escura do seu olhar, o desenho ondulante dos cornos apontados ao céu são como um regresso dos seus antepassados pré-históricos que vagueavam pelos montes da região antes de passarem para a companhia humana. Surpreendidos pela animação ao abrir a porta da sua autocaravana quando acordaram, um casal de reformados franceses pergunta-se se estariam numa dessas grandes

feiras de gado que ambos se lembram ter visto na praça da vila da sua infância, há já muitas décadas. Carregado de máquinas fotográficas, o marido fica fascinado pelas decorações vermelhas nas testas das vacas, que vê como sangue a escorrer pela pelagem dourada. Já imagina juntar essas novas imagens à série ilustrando um violento ritual taurino que teve oportunidade de observar aquando de uma viagem ao Peru há uns anos.



Na realidade, nem o tempo nem o lugar são muito longínquos. O calor já se faz sentir, mesmo no alto de uma serra minhota e com o sol ainda não muito forte a essa hora. Não deixa dúvida quanto ao aproximar do verão, nesta manhã do primeiro domingo do mês de junho, 791 anos após o falecimento do santo que vai ser venerado nesse dia e de quem esta aldeola da freguesia de Valdreu, no concelho de Vila Verde, tem adotado o nome: Santo António de Mixões da Serra. E o ritual, que se prolongará em mais um dia, daqui a uma semana, é muito mais brando do que é bastante comum pelo mundo fora, nas celebrações, nos jogos ou nos combates mais ou menos exóticos que envolvem bovinos.

Nada de sangue nesta celebração católica em que as vacas só desempenham um papel de figuração passiva, assegurados também por cavalos, cães ou gatos e mais alguns representantes ocasionais de outras espécies. Todos partilham igualmente os dias da festa com uma multidão humana diversa que vem pedir uma proteção futura para os seus animais, agradecer graças concedidas por Santo António quando um bicho teve um problema, recolher-se, rezar. Mas esses romeiros vêm também - e alguns unicamente - para quebrar um pouco a rotina de uma vida de labor, esquecer umas desgraças, reencontrar-se com familiares e amigos, comer, beber, exhibir o seu cavalo, dançar, namorar...

Muitos, mesmo sem animais, mas porque “é a tradição” e gostam muito de “Sant’Antoninho”, são todos os anos romeiros a Santo António, desde há muito. Quando ainda em crianças acompanhavam a pé os seus pais e o gado da família que, entretanto, abandonou a pecuária com a passagem das gerações. Outros, que já não vivem nas freguesias ou nos concelhos circundantes, trazem cães e gatos que passam o resto do ano fechados em apartamentos urbanos, para participar num ritual que muitos acham sobretudo “engraçado”. Curiosos, repórteres e fotógrafos também não faltam, nem quem ache chamativas as longas extensões de giesta florida atravessadas na excursão pela serra acima.

Além de descobrir as suas especificidades, observar de perto esta romaria permite-nos vislumbrar uma imagem da sociedade do Minho rural no início do século XXI, em simultâneo enraizada num tempo longo e aberta ao mundo, atravessada por potentes fluxos de mudanças. As atitudes perante a religião e as relações com os animais cruzam-se nesta festa dedicada a Santo António. São precisamente duas dimensões culturais da região que mais se estão agora a afastar do que foram durante séculos.



MJN

A ROMARIA

COMPILAÇÃO DE IMAGENS
RECOLHIDAS NA
ROMARIA DE ST.º ANTÓNIO
DE MIXÕES DA SERRA

2021 - 2022



[Clique para ver o filme](#)



NOS OLHOS DOS BICHOS

Precisamente por ser uma festa que passou, ao longo dos últimos tempos, por mudanças bastante óbvias aos olhos de quem a conheceu há algumas décadas, a romaria de Mixões da Serra suscita muitos discursos acerca do “antigamente”. Entre as “tantas coisas” que são agora diferentes, uma das primeiras a ser evocadas é o estado das vias de comunicação. Muitos lembram-se de um tempo em que os caminhos que levavam a uma minúscula localidade com ainda menos casas do que hoje não eram pavimentados. “Aqui na serra eram só cangostas!”. E, mesmo quando empedrado

e alcatrão começaram a aproximar-se, carros particulares ainda eram poucos e “havia muito mais autocarros”.

Mas a diferença que é sempre salientada é a agora diminuta presença do gado bovino. Alguns criadores ainda fazem questão de vir acompanhados das suas vacas. Mas elas só foram sete em 2022, ano em que não apareceu nenhuma cabra ou ovelha. De facto, cavalos, cães e alguns gatos são agora, de longe, os romeiros quadrúpedes mais numerosos, por vezes acompanhados por alguma ave de estimação.



FF

Aliás, os dois turistas franceses desprevenidos começam a reparar que, além do pequeno grupo de vacas, cada vez mais outros animais se juntam à multidão humana no adro da igreja. Dezenas de cavaleiros e algumas cavaleiras chegam aos poucos, montados ou apeados e segurando as rédeas dos grandes animais. A sua proximidade irrequieta enerva um pouco as plácidas vacas que começam a manifestar mais impaciência.

Entre o alinhamento dos bovinos e a igreja, um meio-círculo vai sendo formado por romeiros e os seus animais de pequeno porte. São sobretudo mulheres, muitas com cabelos brancos sob os chapéus que as protegem do sol. Algumas pessoas instalam-se nas cadeirinhas de pano que trouxeram para não terem de assistir em pé à missa. Crianças e adolescentes sentam-se no chão, ao lado dos seus companheiros de jogo que tentam sossegar. Firmemente segurados por mãos humanas, os cães acabam por conformar-se com a impossibilidade de farejar tudo o que lhes aparece à frente e de socializar com os seus congéneres. Alguns coelhos, tranquilos, mordiscam uns restos de verduras no fundo de duas altas

cestas de onde outros, aflitos, tentam fugir repetidamente. Um único galo atrai muitas atenções. Deitados nos seus cestos, os gatos afetam a mais completa indiferença a toda a agitação à sua volta.

Desprevenidas, também, estão as vacas. Nem podem fazer ideia que a correia com que os homens as guiam é feita de couro. Ignorantes do seu destino, têm uma vida quotidiana pacata. Mas hoje o homem que trata delas todos os dias obrigou-as a entrar na caixa de um pequeno camião. Desconfortável, a viagem pelas estradas íngremes que trepam até ao topo das encostas onde costumam pastar não foi muito demorada. Ao sair da escuridão barulhenta do camião por uma rampa metálica, precária e barulhenta, os seus cascos reencontraram a brita granítica do caminho por onde foram do parque de estacionamento até à aldeia. Terá sido uma sensação reconfortante? E reencontram-na com a luz do sol, com o vento, com os cheiros das ervas dos taludos? E agora, rodeadas de uma confusão aborrecida de outros animais, de gente, de fotógrafos que não saem da sua frente, que estarão a pensar?

ASV



Se é que “pensam”. “Só têm de se preocupar em pastar” diz um dos homens que as acompanha, apoiado no longo pau com que as disciplina quando manifestam alguma agitação. Será? Qual pode ser o equivalente bovino, ou equino, dos sentimentos humanos de surpresa, de perplexidade, de alguma ansiedade? O entusiasmo patusco dos cães será a expressão de uma mente igualmente enérgica e alerta? De que cor veem as vestes do sacerdote que, finda a missa, os virá benzer um por um? No universo infundo de odores em que se movem, discernem o cheiro das gotículas de água benta? Quanto à psicologia felina, é um poço de surpresas e de perplexidade para os humanos que se deixam convencer por um gato a transferir-lhe a propriedade da sua casa e a ter de assegurar o seu conforto e alimentação. Por que é que só certos coelhos, com o coração em pânico e os olhos exorbitados, insistem em saltar fora da proteção do seu cesto, apesar da proximidade de muitos cães? Este periquito que cresceu na companhia de uma pequena criança e que vem buscar sementes entre os seus lábios acredita ser o seu irmão?

Costuma-se dizer que o olhar de muitos animais é “enigmático”. Parece-nos fixo, imutável, puramente funcional e incapaz de transmitir uma emoção. Na realidade, o que tomamos por inexpressividade provém, para numerosas espécies, de uma mobilidade limitada, ou inexistente, dos músculos faciais e não da ausência de qualquer vida interior. Mas, no universo cultural europeu, profundamente marcado pelo estatuto superior que o cristianismo tem atribuído ao género humano em relação aos animais, não faltaram filósofos para considerar, como Descartes, que estes eram “máquinas” desprovidas de consciência e de pensamento. E não faltaram também teólogos para lhes recusar uma alma imortal.

A Igreja Católica não se preocupou, aliás, em instituir quaisquer atenções particulares que seriam devidas aos animais (Baratay 1998; Fontenay 2013): em meados do século XIX, o Papa Pio IX recusou apoiar a criação da “Sociedade Protetora dos Animais” francesa (Fontenay 2013). No entanto, as sociedades camponesas tiveram sempre maior facilidade em atribuir faculdades aos animais, em razão de uma grande proximidade quotidiana com eles e da importância crucial do seu mínimo bem-estar para a sobrevivência das populações humanas.

Esta tendência podia traduzir-se em atitudes e práticas visando garantir a proteção dos rebanhos contra todo o género de perigos, que não eram poucos. A devoção a Santo António existe há vários séculos em Mixões da Serra e pode ser considerada como uma expressão de uma predisposição que existia em toda a Europa rural.

Além disso, certas igrejas protestantes e algumas correntes teológicas católicas bastante discretas acompanharam e alimentaram desde o Renascimento a visão de um menor afastamento entre as condições dos humanos e dos animais. A partir do século XIX, inúmeras descobertas científicas, em particular nas áreas da genética ou das ciências comportamentais, têm mostrado que certas fronteiras que se pensava serem absolutas são na realidade incertas e porosas. Enquanto a visão mecanicista do século XVII negava aos animais a possibilidade de sentirem dor, é hoje consensual considerar que podem experimentar sensações e sentimentos de forma consciente.

Esta capacidade de “senciência” encontra-se em quase todos eles, em particular nos vertebrados e com a exceção dos organismos desprovidos de sistema nervoso. Sendo esses os que são mais

afetados pelas práticas alimentares e as atividades económicas e de lazer dos humanos, novas considerações éticas têm levado ao crescimento do vegetarianismo ou do veganismo, entre outras atitudes que constituem igualmente tentativas de respostas às mudanças climáticas. E cada vez mais teólogos representando fés diversas consideram por exemplo a hipótese da imortalidade da alma animal, abrindo a possibilidade de um paraíso onde os bichos teriam o seu lugar (Baratay 1998; Bastaire 2001, 2010).

Esta “teologia animal”, que visa uma nova abordagem das fontes da fé cristã e uma profunda mudança nas relações entre humanos e não-humanos (por exemplo Linsey 1994), tem mais representantes no universo protestante. Mas houve pensadores católicos que quiseram ver na escolha do nome do Papa Francisco a manifestação de um desejo de maior atenção aos pobres e também à condição dos animais (Fontenay 2013). Conta-se aliás que, aquando de uma visita num circo, benzeu uma serpente, este símbolo por excelência do tentador (Le Devoir 2003). E o padre Miguel Neto, atual pároco de Valdreu e capelão do santuário de Santo António de Mixões da Serra, indica ter pensado nas implicações teológicas da bênção

individual de animais que realiza durante a romaria. Interrogado sobre o mesmo assunto, que percebe ser bicudo, o Sr. Luís, um cavaleiro de Prado que é frequentador assíduo do santuário, dá uma resposta hesitante: “É assim... O objetivo certamente é o mesmo, benzer um animal ou benzer uma pessoa. Mas isso, depois, depende da crença de cada um.”

Mas quem se encontra em Mixões em dias de romaria está a milhas de se preocupar com tais considerações - aqui só rapidamente esboçadas. No santuário, ainda não se chegou ao ponto de falar na bênção dos “não-humanos”, para usar uma designação agora cada vez mais comum nos meios intelectuais e ecologistas. Mesmo para quem gosta de dizer, como é frequente ouvir, “Quanto mais eu conheço as pessoas, mais gosto do meu cachorro” ou que “Só lhe falta a palavra”, mesmo para quem sente um desgosto amargo quando morre um cavalo, companheiro de tantos passeios, ou um cão “tão inteligente” e de uma lealdade incondicional, animais continuam animais. Para o sr. António Gomes, romeiro a Santo António desde a infância, “um humano é uma pessoa humana, ponto. Um animal é um animal. São animais irracionais, mas nós somos um animal racional. Agora, que respeito muito tudo e todos... Mas cada qual tem o seu lugar.”

Os afetos que, outrora, lavradores podiam tecer com as suas vacas não tinham necessariamente equivalentes com representantes de outras espécies, menos essenciais para a sua atividade. E tinham os seus limites, sempre situados numa relação hierárquica. Este enquadramento não mudou hoje, a não ser talvez em parte para quem fica com três ou quatro cabeças de gado por razões mais sentimentais e nostálgicas do que económicas. É o caso de alguns dos criadores que têm ido à romaria nos últimos anos e que podem ter outra atividade principal, como o Sr. Manuel Afonso, de Aboim da Nóbrega, que tem outra atividade profissional e declara ser “só por carolice” que teima em conservar a companhia da Dourada, da Linda e da Bonita.

Uma afirmação da sensibilidade animalitária que se tem tornado um traço característico das sociedades europeias nas últimas décadas é patente entre os donos de animais de estimação. No entanto, é ainda parcial: o galo que foi benzido em Mixões em junho de 2022 não sabia que fazia parte de uma tradição familiar que o destina a ser o prato principal do almoço da festa do próximo ano, papel já desempenhado pelo seu pai e demais antepassados, e no qual um dos seus filhos será o seu digno

sucessor. Em contrapartida, na sua maioria, os cães parecem menos acostumados ao combate com um ocasional lobo do que à frequência de gabinetes de veterinário e a uma alimentação com croquetes. E nem todos os gatos benzidos na romaria de Mixões parecem ter alguma vez caçado um ratinho.

Não seria de estranhar que alguns acabassem sepultados por uma dessas funerárias para animais domésticos que começam a aparecer na região, como em Esposende (Silva 2022). Quanto ao primeiro cemitério português destinado à mesma clientela, abriu em 1938, no Jardim Zoológico de Lisboa (Maireles 2021). A primeira sepultura acolheu o cão de um cidadão britânico que residia na cidade. Introduzindo aqui uma nova sensibilidade que já era mais comum no seu país, iniciou em Portugal uma tendência que levou décadas a impor-se mas parece agora bem lançada e que começou mesmo a ter uma expressão política. É permitido perguntar-se o que o franciscano Santo António pensa do tratamento de luxo a que têm agora direito muitos dos nossos animais de companhia.

Do ponto de vista das vacas, tudo isto é bastante indiferente. Impassíveis, olham o santo atravessar o adro no seu andor.

OS ANIMAIS

COMPILAÇÃO DE IMAGENS
RECOLHIDAS NA
ROMARIA DE ST.º ANTÓNIO
DE MIXÕES DA SERRA

2021 - 2022



[Clique para ver o filme](#)



ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

Antes de ser designado pelos habitantes de Mixões da Serra como o seu padroeiro, numa época desconhecida, Santo António teve uma vida relativamente breve, mas bem mais intensa que o lento passeio oferecido anualmente à sua imagem durante a romaria. Esta intensidade prolongou-se para lá da sua morte, sem que a sua popularidade tivesse esmorecido e tendo continuado a serem-lhe atribuídos muitos milagres. A fama que chegou a ter em vida era tal que o processo de canonização do Santo durou menos de um ano. A sua biografia está bastante documentada e estudada e são hoje inúmeras as páginas na internet que a apresentam de maneira mais ou menos aprofundada. Mas em Mixões da Serra, como na maior parte dos inúmeros sítios onde é venerado, a forte devoção popular de que é objeto apoia-se também em factos mal conhecidos ou mesmo nalgumas confusões.

Fora de Portugal, poucos sabem que António é um rapaz de Lisboa, onde nasceu Fernando Martins de Bulhões em data incerta entre 1191 e 1195. Foi quando se tornou franciscano que este santo português adotou o nome António, que passaria a ser conhecido sobretudo associado ao nome da cidade italiana de Pádua. Fundou nesta cidade um convento da sua ordem em 1227 e aí faleceu

apenas quatro anos mais tarde, em 1231. Os sinos de Lisboa terão tocado em uníssono, sem intervenção de mão humana, no dia da sua canonização. E é provável que os habitantes da capital não tenham tardado a venerá-lo (Fragoso de Almeida 2016: 45) e a celebrar o aniversário da sua morte, a 13 de junho, em grandes festividades que são hoje arrebatadoras nos bairros antigos. Fizeram dele o seu santo casamenteiro, em virtude da ajuda que terá dado a uma jovem que não encontrava marido, e a sua popularidade ofusca em muito a de São Vicente, apesar deste ser o padroeiro oficial da cidade, justificando a existência de um museu municipal que lhe é dedicado.



Além de Lisboa, é objeto de um culto bastante vivo em muitas localidades de Portugal, país de que também é padroeiro secundário, e poucas são as igrejas em que não se possa encontrar a sua imagem. Na companhia de São Pedro e São João, Santo António é aliás um dos três “santos populares” (Chaves 1938) a quem são dedicados grandes festejos em muitas localidades de Portugal no mês de junho, um período do ano marcado pela simbologia do solstício de verão. Além de Lisboa e de Vila Verde, o dia 13 de junho é feriado em mais 12 municípios do país.

Nalgumas outras localidades, os animais são - ou eram - também benzidos nesse dia em cerimónias que têm semelhanças com a festa de Mixões e tendem, de há alguns anos para cá, a evidenciar a mesma crescente presença dos animais de estimação: em Famalicão, ou na capela de Santo António dos Cabaços ou em São Cosmado, Mangualde. Em São Torcato, todavia, é exclusivamente o gado bovino presente na Feira dos 27, a 27 de fevereiro, que vem

solicitar a proteção do santo pelo qual é nomeada esta freguesia do concelho de Guimarães. Numa sociedade que foi tão profundamente agrária, os lavradores e o gado têm mais protetores, como São Silvestre, festejado nas festas de Bárrio, em Ponte de Lima ou no Ribatejo, em Riacho, numa grande festa estival de periodicidade irregular. Em Boticas, no Barroso, é o programa da importante romaria do Salvador do Mundo, no mês de agosto, que integra uma bênção de animais. E, igualmente em agosto, é na grande capela circular de São Mamede, em Janas (Sintra) que uma proteção anual é conferida a uma grande diversidade de animais - cuja vida é agora sobretudo urbana e quase sempre ociosa. Estas celebrações tornaram-se, todavia, menos comuns do que nos anos 1970, quando Pierre Sanchis assinalava a existência de bênçãos dos rebanhos por vezes por ocasião das celebrações pascais ou de uma romaria, “de Nossa Senhora, ou sobretudo de São Mamede, São Luís, e São Silvestre, mais raramente São Jorge para o rebanho em estábulos, São Marcos e Santo Isidoro para os animais ainda não domesticados”(Sanchis 1983: 87).

Em janeiro de 2020 na capela de Santo Antão, na freguesia de Venade, em Caminha, foram benzidos “25 cavalos, outros tantos cães, alguns gatos, coelhos, hamsters, galinhas, ovelhas e aves de vários tipos” e “um menino levou nos braços uma ovelha de peluche quase do seu tamanho para ser benzida “«simbolicamente»”. Ao longo da missa, “aves diversas no interior da capela rivalizaram o tempo todo com o próprio coro” (*Notícias de Viana 2020*).

De vez em quando, uma bênção de animais aparece como uma inovação recente, introduzida para enriquecer o programa de uma antiga feira de gado que se pretende promover, sem ser necessariamente associada a um determinado padroeiro, como tem sido o caso em Sistelo, Arcos de Valdevez. Em Prado, freguesia de Vila Verde que a proximidade de Braga tem tornado muito mais urbana que Mixões da Serra, realizou-se pela primeira vez uma bênção a 20 de janeiro de 2020, dia de São Sebastião, no quadro das atividades acompanhando a Feira dos Vinte, também conhecida como Feira das Trocas, importante mercado de gado desde o reinado de D. Dinis e que parece ganhar nova vitalidade. A reedição desta



iniciativa da junta de freguesia, em 2023, suscitou um óbvio interesse popular após os dois anos da interrupção causada pela situação sanitária.

Mas, de facto, apesar desta concorrência no que toca à proteção dos animais, Santo António é um dos santos mais populares de todo o catolicismo, em parte graças aos portugueses que espalharam o seu culto pelo mundo fora ao longo de séculos (Amorim 2016). É desses santos cujos carisma e simplicidade os podem tornar simpáticos a agnósticos, e os numerosos comerciantes que pedem a sua proteção colocando a imagem dele nas suas lojas não são necessariamente todos frequentadores assíduos da igreja local.

Santo António é conhecido por ter muitos protegidos: os marinheiros, os náufragos, os famintos, os pobres e oprimidos - vasta categoria - e os presos, os casais (e quem deseja casar), as mulheres grávidas, os nativos das Américas, os cavaleiros... E a lista dos milagres pelos quais é venerado é também notavelmente extensa, tenham eles sido realizados em vida ou postumamente. Nas palavras do Pe. Miguel Neto, “as pessoas acham que Santo António é fantástico” em boa parte porque, pelo essencial, as suas intervenções dizem respeito à banalidade da vida quotidiana. “Na verdade, é amplíssimo o leque de virtuosidades reconhecidas na figura de Santo António, multiplicando-se os milagres que lhe são outorgados e que se vão ajustando a cada realidade, num surpreendente processo de adaptabilidade” (Dâmaso dos Santos 2016: 83). Alguns dos mais conhecidos são a reconstituição de um pé voluntariamente decepado, várias ressuscitações, a cura de um paralítico, o controlo de uma violenta chuvada, as uvas que nascem numa videira sem frutos - e cujo néctar serve para encher um copo (conservado na basílica de Santo António, em Pádua) que não se tinha partido quando um incrédulo o atirou ao chão... O aparecimento do menino

Jesus ao frade António pouco tempo antes da sua morte, testemunhado por um discípulo, é a razão da habitual representação do santo com um bebé nos braços. Quanto ao milagre da criança ressuscitada cuja mãe, agradecida, doou trigo aos pobres, está na origem da tradição da distribuição do pão de Santo António, que se realiza por exemplo durante as Festas Antoninas de Famalicão.

Em Mixões, muitos romeiros declaram invocar Santo António quando procuram objetos perdidos. Esta “especialização” do santo vem do facto de, entre outros milagres, um ladrão ter devolvido espontaneamente um livro e uns escritos que tinha roubado (a ele ou a um bispo, consoante versões diferentes da história) e igualmente que a simples invocação do seu nome tenha sido suficiente para fazer reaparecer o anel perdido do bispo de Córdoba. Outro prodígio, o dom de bilocação, de que beneficiava também o seu mentor São Francisco, permitia-lhe pregar em dois sítios em simultâneo - mas ninguém parece ainda ter tentado fazer com que, por causa disso, seja agora considerado o padroeiro dos teletrabalhadores, como sugeriu um romeiro interrogado quanto ao que sabia sobre os milagres do seu “santinho”. (A essa observação

seria possível acrescentar que a capacidade que tinha Santo António em fazer entender os seus sermões por todos os membros de uma assistência, mesmo quando oriundos de diversos países e locutores de línguas diferentes, poderia fazer dele o padroeiro dos intérpretes).

Apesar de se deslocarem antes de mais para pedir proteção para os seus animais, poucos romeiros a Mixões da Serra parecem conhecer as origens desta proximidade entre estes e o seu santo favorito. Interrogados, alguns conseguem evocar o episódio em que, numa tentativa bem-sucedida de converter um herege, o ainda simples frade levou uma mula esfomeada (ou um cavalo, consoante as versões) a ajoelhar-se perante uma hóstia consagrada em vez de comer uma apetitosa ração. Muitos frequentadores de longa data da romaria lembram-se que, nos seus sermões nos dias da festa, o padre António Marques, pároco de Valdreu que ao longo de quatro décadas muito fez em prol do santuário, costumava lembrar este milagre, que também evoca nos dois livros que consagrou a Mixões (Marques 1999 e 1999b).

Poucos, todavia, além de alguns estudiosos da hagiografia, parecem saber que pregou aos peixes como São Francisco, o fundador da sua ordem

monástica, fez com as aves, ou que, ainda criança, convenceu um bando de pássaros a entrar com ele em casa, onde os prendeu num quarto para evitar que destruíssem as colheitas.

Mas um outro santo é igualmente considerado um grande protetor dos animais domésticos, desde a Idade Média, quando os membros da ordem monástica fundada para seguir os seus ensinamentos, os Antoninos, criavam grandes números de porcos para alimentar os pobres e fabricar os reputados unguentos que lhes deram fama de monges hospitaleiros. Desde então um leitão é um dos atributos de Santo António Abade (que é também conhecido como Santo António, o Grande, ou Santo António do Egito).

Natural do Egito, uma região que foi importante para os primeiros séculos do cristianismo, passou o essencial da sua vida no deserto, no século III. Foi o protagonista do episódio das “Tentações de Santo Antão”, representadas num famoso tríptico pintado por Hieronymus Bosch por volta do ano 1500 e conservado no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Antão é o nome pelo qual é mais conhecido em Portugal este eremita que foi o iniciador do monaquismo cristão. E é com este nome que é venerado na paróquia de Venade, em Caminha.



Em francês ou em inglês, todavia, ele e Santo António de Pádua são homónimos: Saint Antoine, ou Saint Anthony. Esta proximidade poderá ter contribuído para a existência de alguma confusão entre as figuras de dois santos, ambos importantes para a Igreja Católica, a quem é costume pedir proteção para os animais.

Santo António, o Grande, é festejado por exemplo em certas regiões rurais francesas, onde os animais têm o dom da fala durante toda a noite de 17 de janeiro, um momento em que as pessoas preferem deixá-los sozinhos e evitam aproximar-se das cortes, para que conversem tranquilamente entre eles. E, na mesma data, são benzidos no fim da missa celebrada em honra do santo. O mesmo se faz também em certas igrejas de Roma, como Sant'Eusebio, onde, em 2003, o padre declarava já ter dado uma “bênção pessoal” a tartarugas e a alguns peixinhos, além dos inevitáveis numerosos cães e gatos, enquanto que o gado bovino de outrora tinha completamente desaparecido. E era com pena que indicava que, quanto aos cavalos que puxam as carroças dos turistas, não puderam comparecer na bênção por falta de autorização das autoridades municipais para bloquear a rua (*Le Devoir* 2003). Mas podem sempre comparecer numa outra

cerimónia que se realiza no Vaticano, na Praça de São Pedro, promovida pela Associação Agropecuária Italiana (Ecclesia 2013).

Em todo o caso, os fiéis que vão a Mixões não precisam de esclarecimentos quanto à identidade do seu santinho e também não sentem a necessidade de chamá-lo pelo seu nome por extenso, Santo António de Pádua. Na sua maior parte, ignoram a existência da figura de Santo António, o Grande, ou, no caso de morarem na proximidade de uma capela que lhe é dedicada, designam-no pelo nome inconfundível de Santo Antão. Para eles, Santo António é Santo Antão, ponto. E não são poucos os que gostam de lembrar que é um santo português, nascido em Lisboa.

[As publicações hagiográficas e as páginas internet dedicadas à figura e aos ensinamentos de Santo António de Pádua são inúmeras. Para uma Introdução eficaz à vida do santo e a diversos aspetos históricos e presentes da sua reputação e do seu culto, é possível consultar o guia do Museu Santo António de Lisboa (Teotónio Pereira 2016). Acerca dos discursos contemporâneos que suscita este “santo popular”, em particular em Lisboa, ver o artigo de Cyril Isnart (2016)].

A religious procession is shown in a blue-tinted photograph. In the upper portion, a statue of a saint in a dark robe holding a child is mounted on a float. Below, several men in white shirts are carrying the float on their shoulders using long wooden poles. The background consists of large, leafy trees under a clear sky. A yellow rectangular overlay with a cracked texture is positioned in the center, containing the title text.

UM SANTO ENTRE A CIDADE E AS SERRAS

A presença de Santo António, esse rapaz da cidade conhecido por proteger animais, em Mixões da Serra, secular - se não milenar - terra de pastorícia, explica-se em parte pela impressionante popularidade que granjeou durante a sua vida e que se alastrou rapidamente a regiões muito longínquas de Pádua, atingido mesmo localidades bastante isoladas. Não sabemos com certeza quanto tempo a devoção antonina levou para chegar aqui, mas foi já há vários séculos. Só podemos hoje tentar imaginar o que devia ser viver numa aldeola da Serra Amarela naquela altura, ou mesmo só há 100 anos, quando se realizou a maior parte das construções que deram ao santuário o seu aspeto atual.

Os pouco mais de vinte edifícios distam suficientemente entre eles para que seja difícil considerar que desenham verdadeiras “ruas”. Alguns dos maiores pertencem ao santuário. Entre as habitações, algumas só são abertas por altura de férias, como é muito comum nas aldeias serranas da região. A localidade foi implantada ligeiramente abaixo do topo da encosta sul da serra, relativamente abrigada dos ventos dominantes. A extensão ocidental da Serra Amarela de onde paira

sobre um largo panorama situa-se a nordeste do concelho de Vila Verde, de que é ponto culminante, com pouco menos de 800 metros de altitude.

E, de facto, os excursionistas que se aventuram até a estes confins do concelho, além da Portela de Vade e de Aboim da Nóbrega, não podem escapar a um sentimento de ascensão. Há mesmoromeiros que declaram alcançar mais facilmente aqui um certo estado de paz interior e de particular despertar místico, que alguns comparam com o que costumam experienciar noutros santuários serranos, como por exemplo o da Peneda, em Arcos de Valdevez, ou da Abadia, em Amares. Sem duvidar da sinceridade deste sentimento, só se pode observar que não falta quem também sinta o mesmo em romarias situadas em localidades muito menos pitorescas e num enquadramento menos impressionante. Mas, em Mixões, parece que as realidades físicas da ascensão da serra e da amplitude da paisagem se conjugam com as relativas tranquilidade e humildade de um santuário que é de dimensões apesar de tudo reduzidas, ajudando assim a satisfazer as expectativas de quem estiver em busca de um sentimento de elevação espiritual.

Porque, em todo o caso, ir a Mixões significa obrigatoriamente subir. O santuário pode ser acedido também a partir de pontos já elevados dos concelhos de Ponte da Barca ou de Terras de Bouro, como as localidades de Azias ou Brufe. A estrada que trepa desde Valdreu, o lugar principal da freguesia e da paróquia de que o santuário depende, é a mais íngreme. Mas todos os itinerários, nos seus trechos mais abertos, permitem descobrir o panorama das vizinhas serras do Soajo, da Peneda, do Gerês ou, embora mais afastadas, da Cabreira, do Alvão e, a algumas dezenas de quilómetros a oeste, o mar, assinalado por uma presença luminosa ou pelo nevoeiro baixo trazido pela nortada, consoante os dias.

No seu alto, Mixões fica longe das grandes vias de comunicação da região. Embora definam o território percorrido com frequência por diversos grupos de caminhantes, os seus caminhos não atraem os andarilhos dos trilhos principais que atravessam o parque nacional da Peneda-Gerês. Os peregrinos de Santiago preferem escolher terras menos elevadas para deixar o vale do Cávado e entrar no do Lima.

Os excursionistas que passam aqui durante o ano, entre os quais muitos ciclistas, são atraídos antes de mais pela paisagem serrana. Podem subir até ao miradouro no topo de um penedo de granito, de onde um imperturbável Santo António observa, dispersos entre as manchas do carvalhal ou mesmo na estrada, as vacas e os cavalos que, uma vez por ano, lhe são trazidos para agradecer a sua proteção. Em dias de nevoeiro, que não faltam, a vista não consegue medir a distância a que se encontra o resto do mundo, mas a sensação de retiro não é menos palpável.





Ao mesmo tempo, nunca passaram tantos forasteiros por aqui, seja ao longo do ano ou nos dias de festa. Em consequência da melhoria das condições económicas para a maior parte das pessoas, e também da atenção que dão agora aos animais de companhia, a região de onde provêm os romeiros alargou-se consideravelmente em comparação com o que era há ainda algumas décadas. É agora comum encontrar em Mixões moradores dos principais centros urbanos do noroeste de Portugal. No entanto, mesmo se a particularidade da bênção dos animais confere a esta romaria alguma notoriedade mediática que pode motivar a peregrinação de donos de cães ou gatos da área metropolitana do Porto, a sua zona de atração continua a ser sobretudo micro regional. Os seus participantes regulares são na sua maioria oriundos de outras freguesias de Vila Verde e também dos concelhos de Terras de Bouro, Ponte da Barca ou Arcos de Valdevez. Alguns cavaleiros podem vir de um pouco mais longe. E no dia da bênção nota-se a presença de alguns galegos, como é bastante comum em diversos santuários do Minho.

O facto é que muitos desses visitantes parecem ser movidos pela curiosidade suscitada por uma manifestação relativamente inusitada do que mais estritamente pela devoção a Santo António:

são presentes em grande número no domingo de abertura das festividades mas não aparecem na missa nem na procissão do dia 13, que nada distingue de outros rituais do mesmo tipo e que atrai muito menos participantes e espetadores. Do ponto de vista canónico, é esse último dia que assinala o culminar anual do culto a Santo António, mas, de facto, pelo menos em termos numéricos, este papel é agora assumido pela bênção.

Da mesma maneira, muitos moradores da região costumam deslocar-se ao santuário ao longo do ano, alguns com alguma regularidade, participando por vezes numa missa dominical em que a assistência é sempre reduzida. Mesmo se é agora mais frequente o animal que recomendam a Santo António ser um cão de companhia do que uma vaca, prolongam assim uma devoção familiar cujas motivações eram até há pouco intimamente ligadas à vida rural. Em contrapartida, para os visitantes ocasionais do santuário fora dos dias da festa, de origem mais afastada e urbana, a passagem por Mixões parece ser muitas vezes sobretudo um objetivo secundário de um passeio de domingo cujo itinerário terá sido determinado antes de mais pela vontade de experimentar certo restaurante de que se ouviu elogiar o cozido ou as papas de sarrabulho.

Para chegar ao seu destino, seja ele o santuário ou a perspectiva de uma refeição memorável numa casa da região, uma grande parte dos forasteiros que se deslocam até Mixões da Serra têm de atravessar o centro de Vila Verde. Por altura das festas, se as decorações em honra do padroeiro da localidade os convencem a parar, podem comprar uma estatueta de Santo António em cerâmica pintada à mão com alguns motivos dos lenços de namorados que décadas de promoção ativa pelo Município tornaram no emblema do concelho. No santuário, encontram nas bancas dos vendedores de bugigangas que marcam presença todos os anos, aqui como em qualquer outra romaria, uma variedade de criações plastificadas, provavelmente produzidas numa fábrica de uma longínqua cidade extremo-oriental.

Alguns desses objetos decorativos são manifestações de uma imaginação e uma estética por vezes tão desconcertantes que chegam a ser intrigantes. Tentando aproveitar o facto das representações do muito amado Santo António serem dos suportes de devoção popular que mais “saída” comercial têm, colocam-no num lugar de destaque onde, entre conchas douradas e luzinhas cintilantes, as suas vestes franciscanas parecem ser mais adaptadas às cores garridas do artesanato vilaverdense. Regressados ao seu apartamento nos arredores de Braga, os compradores podem perguntar-se onde hão de pôr as suas aquisições.



MJN



MEU SANT'ANTONINHO,
ONDE TE HEI DE PÔR?

Para os devotos locais do santo, a presença da sua figura não suscita a mesma dúvida. Um ocasional diminutivo, cujo uso é reservado ao nome de poucos outros santos (embora, talvez, um pouco mais de santas), realça uma relação de particular proximidade, familiaridade e confiança com “Sant’Antoninho”. Muitos dizem vir visitá-lo todos os anos pelo menos uma vez por altura da romaria e, eventualmente, também durante o ano, caso queiram dirigir-lhe um pedido motivado por um imprevisto da vida ou um agradecimento pela resolução de alguma aflição. Este relacionamento afigura-se mais diretamente pessoal do que o que muitos devotos se permitiriam ter com outras figuras de santidade. Para o Sr. António Gomes, durante a festa, “Santo António nem come, nem bebe. Mas está presente, já é muito bom! (...) é uma paz.”

Basta conversar pouco tempo, em Mixões, com romeiros e romeiras de todas as idades para sentir até que ponto a sua relação com Santo António vem de longe na sua história pessoal e na história da sua família. “Desde sempre”, “Eu vinha sempre com os meus pais”, “todos os anos, todos os anos”, “com a minha avó”, “Os meus avós sempre traziam o gado”, “É aqui que conheci o meu marido...”

São indicações quase inevitáveis quando se pergunta aos romeiros da região quando começaram a frequentar o santuário. E acrescentam que será “enquanto puder”, “até não poder mais.” E mesmo quando uma pessoa não pode mais, poderá haver quem se encarregue de cumprir uma promessa por procuração. Uma reportagem publicada em 2019 dá a palavra a um romeiro, o senhor José Teixeira, que subiu à serra para dar cumprimento ao desejo da falecida cunhada.

«Este gado é dela. Ela queria muito trazer cá os animais», disse, travando a voz tomada pela emoção de saudades pela falecida.
(Cerqueira 2019)

Verdade seja dita, declarações do mesmo teor podem ser ouvidas a propósito de qualquer peregrinação, e em particular das mais reputadas. Na sua investigação de referência sobre as romarias portuguesas, realizada antes do 25 de Abril e publicada um pouco mais tarde, Pierre Sanchis (1983: 50-51) salientava já a importância desta “economia de troca” constituída por uma “mutualidade diferida” que cria uma “rede de solidariedade, onde a prestação simbólica circula

indefinidamente de uma família para outra, de ano para outro (...) Porque não é somente em proveito próprio que se fazem as promessas.” Como observou Sanchis, os laços que cimentam esta “verdadeira comunidade entre indivíduos e famílias” são graduais e seletivos: “não se promete por qualquer pessoa, nem mesmo a qualquer santo por qualquer pessoa.”

Sentada num banquinho de lona em frente à igreja enquanto espera pela bênção do seu cachorro, uma senhora idosa aponta para uma rapariga que reza perto da porta: “O pai vinha todos os anos por causa de uma promessa da mãe dela... Agora é a filha que vem”. Ainda é cedo para saber qual será o comportamento ao longo do tempo dos novos participantes na romaria, mas as observações de Sanchis continuam relevantes pelo menos no que diz respeito aos romeiros oriundos das localidades mais próximas de Mixões.

A profunda ancoragem temporal da peregrinação e o sentido de continuidade e de transmissão intergeracional que lhe são associados são muito

sensíveis nos discursos dos moradores das redondezas. Na vida destes, a devoção a Santo António e a referência frequente à sua figura parecem constituir um dos pontos fundamentais onde se apoia o sentimento de pertença familiar e de partilha com algum grupo mais alargado, com uma comunidade que tem limites indefinidos mas que nem por isso é sentida de maneira menos forte. Nas evocações da festa, é muito comum ouvir a palavra “região” quando se indica que o evento é uma importante ocasião de um raro reencontro com conhecidos mais ou menos próximos. E as pessoas ligam de maneira estreita o santo, a celebração que lhe é dedicada, o território regional e a pecuária tradicional que era praticada pela quase totalidade das famílias. Esta memória continua viva entre os numerosos jovens adultos presentes no santuário, que a transmitem mesmo após a mudança da atividade principal da família por vezes há já 30 anos ou mesmo mais, antes de terem nascido. E também nunca deixam de lembrar a dureza de tempos passados, que o santo ajudava a amenizar um pouco.



SANT'ANTONINHO O GUARDE!

Esses traços podem ser ilustrados por um diálogo entre Ricardo Abreu, jovem de 16 anos originário de Aboim da Nóbrega, e o seu pai Fernando, no mês de novembro de 2022:

Fernando: À romaria da Peneda, a minha mãe até ia, mas iam de autocarro. Ela, coitada... Corriam assim as festas todas. Ia sempre de autocarro a essas romarias, as excursões, e então aproveitava e era a maneira que iam, às festas, não é.

Ricardo: E mesmo para a romaria de Santo António ela contava, a avó, que desde pequena que ia com o seu tio, não era?

Fernando: Sim, era contratador de gado, corria a zona toda, não é, ia buscar os vitelos mas traziam à mão, vinham a pé com eles, de onde fosse, ou do Barral ou assim, vinham sempre com eles... Não havia transporte, não é. Desde pequenita... Mas pronto, eram outros tempos.

Ricardo: Há oitenta ou setenta anos, oitenta não é?

Fernando: Ela faz amanhã 92...



FF

Ao mesmo tempo fonte de rendimentos, de alimentos e força de trabalho indispensável para a realização de muitas tarefas da vida quotidiana, o gado ocupava um lugar central na vida da maioria das famílias da região. Para quem viveu as últimas décadas do século XX, esta importância passada só pode continuar a marcar as memórias. E quando a sua evocação traz à tona a lembrança de um episódio difícil, Santo António nunca está muito longe:

Fernando: la eu, o meu pai, com duas vacas, e uma toura, quase vaca ainda, e ao chegar perto de Santo António, um quilómetro antes, aquilo... Íamos sozinhos, não passava ninguém, de repente ao passar um carro, a toura assustou-se e mandou-se do valado abaixo, mandou-se assim, caiu para o meio das silvas. E eu e o meu pai, sozinhos, e agora? Não sei como a gente conseguiu, o meu pai desceu, ele falava assim, o caralho, e tal, o caralho, puxa aí, e eu, pronto, enfiquei o pé numa pedra até que... Devia ter a idade dele... [aponta para o filho ao seu lado] Eu e ele conseguimos pôr a vaca...



trazê-la para cima, que ela tava a afundar-se cada vez mais. Ele meteu a mão atrás dela, empurrou, não sei se foi a devoção com Santo António... 'Távamos perto... Sei que não tivemos ajuda de mais ninguém. Fomos os dois, e já era uma toura, aí com os seus 200 e tal quilos, não é, perto de 250, por aí. (...) Depois, pensando, passado uns anos, como conseguimos tirar a toura lá de baixo, os dois, que ela cada vez que tentava subir 'tava-se a afundar mais, que aquilo era silvas, não é, silvas. E pronto, correu tudo bem, acabámos por conseguir, e lá fizemos a nossa romaria, e lá viemos, novamente.



A saúde e o bem-estar dos animais domésticos e de estimação são os motivos principais, embora não exclusivos, dos pedidos de intercessão dirigidos a Santo António, que pode ser também solicitado em razão de problemas médicos humanos. Conversar com as pessoas que comparecem acompanhadas dos seus animais no dia da bênção permite ouvir um leque relativamente limitado de pedidos: cura de uma doença grave, partos delicados que acabaram bem, sobrevivência inesperada de todas as crias, que “eram tão pequenitas”, de uma ninhada particularmente numerosa... O reaparecimento de um cão ou de um gato que se pensava estar definitivamente perdido é um motivo de agradecimento bastante comum. E qual é o dono de uma gata, que “já tem 19 anos, coitadinha”, que não lhe queria desejar uma longevidade excepcional? Um veterinário da região, que tinha sobretudo uma clientela de agricultores, indica que era algo frequente os donos dos animais que tratava invocarem o santo, com um “Sant’Antóninho o guarde” mais ou menos discreto.

Os ex-votos de cera figurando animais são de muito longe os mais numerosos nas mãos dos romeiros que os depositam aos pés da imagem do santo. Algumas pessoas chegam ao santuário trazendo com elas figurinhas ou círios que terão comprado com antecedência numa loja de artigos religiosos do seu lugar de residência. Todavia, é mais habitual dirigirem-se à Casa da Confraria, aberta nos dias da romaria, ou ao espaço que dá acesso à imagem do santo, no topo das escadas das traseiras da igreja. É onde membros da Confraria vendem alguns terços e outros pequenos objetos de devoção e recebem o montante de 3 euros em troca do qual, qualquer que seja o modelo, entregam uma figurinha que voltará às prateleiras após ter ficado algum tempo exposta onde o devoto a depositou perto do santo. Ao contrário do que se vê com frequência noutras igrejas e capelas da região, pouca gente opta por depositar na base da estátua um bilhete com algumas palavras descrevendo o teor da promessa ou do pedido. E, ao invés do que é também comum noutros santuários, além de algumas raras fotografias visíveis na Casa da Confraria, estes e outros diversos testemunhos materiais das graças concedidas (maços de tabaco, relatórios médicos, equipamento prostético...) não ficam aqui expostos num pequeno “museu”.

Ex-voto é uma expressão latina que significa “em razão de um voto”, em consequência de uma promessa. A Igreja Católica começou por resistir a uma prática com origem nas religiões pré-cristãs até finalmente, perante a sua persistência nas manifestações da religiosidade popular, acabar por tolerá-la a partir da Idade Média - sem, todavia, nunca a normalizar inteiramente nem a integrar nas atividades litúrgicas oficiais. O costume da oferta de um objeto de cera “atravessou idades e formas institucionais de religião, de que temos testemunho pelo menos desde o princípio do século XII, quando veio substituir as antigas representações em pedra ou em bronze dos animais protegidos ou dos membros curados” (Sanchis 1983: 95). Em Mixões, estes objetos são de dimensões modestas. Os maiores são representações em tamanho natural de braços ou pernas, mas não se encontram aqui as efígies de corpo inteiro que podem ser vistas nalguns outros santuários. Círios de grande peso não parecem também ser comuns. Em dias de romaria, muitas pessoas trazem com elas molhos de uma dúzia de velas, ou mesmo ocasionalmente mais. Mas a reduzida frequência do santuário ao longo do ano não justificaria a construção de um queimador de velas.



No seu estudo sobre as romarias portuguesas, Pierre Sanchis observa a maneira como as promessas eram vividas e realizadas em meados dos anos 1970 (Sanchis 1983; ver em particular o terceiro capítulo, “Do lado da religião popular: a promessa, uma economia de troca”), oferecendo-nos um ponto de comparação com o que se tornaram após meio-século de profundas mudanças sociais e culturais no país. Sem entrar aqui num paralelo sistemático, nota-se que algumas diferenças de contexto são óbvias: as inúmeras promessas motivadas pela

independência das então colónias portuguesas já só estão visíveis, nos santuários que expõem alguns dos ex-votos que recebem, graças a algumas raras fotografias desbotadas pela passagem de meio-século. Mas, tanto na altura como agora, os pedidos de intercessão relativos à saúde, das pessoas ou dos animais domésticos, representam a categoria mais frequente. No entanto, Sanchis (1983: 48) observa que “o hábito das promessas ultrapassa largamente o quadro destas situações críticas. Constituem para muitos um investimento de rotina, entram na ordem normal das coisas e inserem-se naturalmente no desenrolar da existência e no movimento do universo”. É sabido que, diversamente de outros santos muito especializados, as competências milagreiras de Santo António são muitas. Além de ser um santo “de clínica geral”, como se ouve por vezes dizer na região a propósito de São Torcato, ele sabe ajudar também nas pequenas coisas da vida quotidiana, o que faz com que a sua invocação seja comum e frequente, como o é aliás igualmente a presença da sua imagem em cima de uma mesa na secretaria de uma oficina de mecânica ou de carpintaria, no canto do balcão de uma loja, nas prateleiras de um café ou entre os artigos improváveis agora postos à venda nas lojas CTT.

Sendo um santo do quotidiano dos animais como dos humanos, as promessas que lhe são dirigidas podem ser desprovidas de qualquer excecionalidade, dizer respeito meramente a pequenos distúrbios da “ordem normal das coisas” e do “desenrolar da existência”, como diz Sanchis. “Prometi estar cá no dia de hoje”: não é raro uma promessa a Santo António envolver unicamente a deslocação

ao santuário em dia de romaria e a participação na missa campal. Com esta mera participação, deseja-se “aumentar com a sua presença o rebanho dos fiéis do santo” (Sanchis 1983: 84). E não é mais raro que quem declara querer estar simplesmente presente, sem qualquer outro compromisso assumido perante o santo, acrescente algo como “Os meus pais vinham sempre...”. Mais do que a



promessa, é toda a relação com o santo que esta continuidade de uma tradição da família inscreve na tal “ordem normal das coisas”, no tempo longo da vida individual e coletiva. É certo que qualquer festa é sempre “um tempo fora do tempo” (Falassi 1987), seja meramente por uma rutura nas rotinas do quotidiano, seja por aspetos subversivos mais profundos, como todas as festividades de cariz carnavalesco. Todavia, as celebrações cíclicas, precisamente em razão da sua periodicidade, proporcionam também a certeza de uma certa permanência, a segurança de um retorno que se deseja eterno.

Uma mesma aspiração a alguma estabilidade é aliás sensível nas declarações de participantes regulares em agrupamentos mais ou menos estruturados e públicos que organizam caminhadas nas redondezas de Mixões, quer seja ao longo do ano, quer só em junho com o objetivo de participar na festa. Nessa situação, a família é substituída por, ou por vezes integrada no grupo de quem se aprecia a companhia: “Se o tempo permitir, fazemos uma caminhada todos os meses”, “É uma maneira de nos encontrarmos, de estarmos juntos”.

Só com a realização de um inquérito sistemático em vários santuários seria possível saber com exatidão em que medida a dimensão espiritual ou sobretudo a procura de um “convívio” de lazer motivam hoje os peregrinos que persistem em deslocar-se a pé. Pierre Sanchis escrevia há meio-século que “o desenvolvimento dos meios de transporte encurta o caminho e, na verdade, o suprime, retirando-lhe, em qualquer caso, o seu carácter lúdico coletivo e de aventura” mas que, mesmo assim, o “ir à romaria” continuava a estruturar “a topografia imaginária de muitos portugueses, nem sempre rurais” (Sanchis 1983: 157). Mas indicava também que nos santuários que, na altura, conservavam esta tradição, “só os adultos se lembram do que era, ainda há pouco tempo, o encanto da deslocação colectiva: chamavam-se de casa em casa, atravessavam aldeias e cidades (.../...) que enchiam de cantos e cujos habitantes vinham assistir à passagem dos romeiros como a um espectáculo, com bailes improvisados”, “paragens em lugares tradicionalmente fixados”, “não porque fosse absolutamente necessário descansar” mas porque eram pontos de reencontros entre grupos oriundos de diversas aldeias.

Esta referência a tempos idos é inevitável quando se observa as romarias hoje, nem que seja porque a sua evocação é frequente por parte dos romeiros mais velhos, embora já sejam poucos os que tenham tido uma experiência direta da exuberância festiva de outrora. Mas esses discursos são seletivos e deixam sempre de lado os aspetos mais sombrios do contexto em que existiam essas manifestações. Ora, quando a vida se torna, apesar de tudo, muito menos dura e a sociedade muito mais permissiva, as festas já não precisam de proporcionar cortes tão vincados com o tempo e os comportamentos e constrangimentos do quotidiano - nem, aliás, o podem fazer. São complementadas ou substituídas nisto por outras atividades, como o “passeio” desportivo de que Sanchis (1983: 189) notava o aparecimento enquanto motivação, exclusiva ou não, de cada vez mais peregrinos.

Seja ela mais ou menos abertamente assumida, esta dimensão de lazer permanece discreta no Santo António de Mixões da Serra, onde se vê chegar muito menos romeiros a pé, sós ou em grupos, do que nos dias das festas dos grandes santuários da região:

no troço da N101 entre Vila Verde e Ponte da Barca, não se encontram placas para avisar os condutores que há “Peregrinos na estrada”. Em junho de 2022, no dia da bênção, 8 amigos de Ponte da Barca, todos equipados com sapatilhas topo de gama e camisolas apertadas em lycra fluorescente, apareceram no terreiro momentos antes da missa à qual assistiram antes de imediatamente continuar caminho, declarando ir descansar e lanchar um pouco mais longe no monte e depois regressar a casa por um itinerário diferente do da subida, porque “tem mais piada fazer uma caminhada em loop, dá para ver mais coisas!” Outrora inevitável, à falta de outro meio de transporte ou da possibilidade de o pagar, a ida a pé à romaria tornou-se hoje opcional. E a volta ainda mais. Muito mais rara do que a decisão de andar até à festa será a escolha de regressar da mesma maneira em vez de pedir a um familiar ou um amigo para se deslocar de carro até ao santuário e ficar à espera com um par de sapatos mais leves e frescos na mala do carro.

Não existe nenhuma ordem ritual precisa e inevitável para a realização da romaria. Da mesma maneira que cada fiel tem autonomia para definir o teor das suas promessas, ele ou ela pode elaborar a ordem dos rituais que quer seguir no dia da celebração e os pormenores que os compõem, como o observador que toma um café na esplanada situada perto da entrada do terreiro pode constatar rapidamente. Chegar com ex-votos comprados ou ir comprá-los à Casa da Confraria. A seguir, dirigir-se diretamente para o interior da igreja ou, como é mais habitual, começar por andar à volta do templo, eventualmente na companhia do animal cuja proteção é solicitada, antes de subir até à tribuna no interior para beijar os pés ou o manto da imagem do santo (com todos os devidos cuidados, desde o início da pandemia de covid-19). Rezar um momento na igreja. Deixar uma esmola numa caixa de ofertório. Subir o escadório para ir rezar no miradouro dominado pela estátua de Santo António do Penedo. Assistir à missa. Comungar. O Pe. Marques (1999: 33) salienta a importância “para os peregrinos mais escrupulosos, ou melhor dito com uma consciência bem formada” de se confessar



antes da realização do ritual “porque dizem que assim a promessa é mais aceite por Deus e pelos seus santos, pois a consciência encontra-se pura”. A partir desta lista de práticas possíveis, os fieis compõem o seu próprio ritual, muitas vezes decalcado do que seguiam os seus pais e que começaram a cumprir com eles. E muitas pessoas declaram que “todos os anos faço a mesma coisa”.

Algo que todos fazem da mesma maneira, e que é possível ver pais ensinar aos seus filhos, porque dizem que “é a tradição” e “sempre se faz assim”, é circular à volta da igreja em sentido inverso ao movimento dos ponteiros do relógio. Se porventura caminhasse no outro sentido, “não sei se aconteceria algo... Mas não quero experimentar!” E o riso que concluiu esta declaração de uma senhora com um cachorrinho ao colo soava bastante incerto e desconfortável. A circum-ambulação de lugares ou de objetos é uma prática bastante comum em numerosos rituais cristãos e de muitas outras religiões (e também de diversas correntes espirituais ou esotéricas), em particular nos momentos de aproximação ao sagrado ou, entre outros significados, para simbolizar as etapas sucessivas de progressão de uma pessoa no caminho de uma revelação. As tentativas de analisar as simbologias respetivas dos dois sentidos opostos em que pode ser realizada propõem interpretações incertas e não raras vezes contraditórias - o mesmo sentido pode ser visto como negativo por uma religião e positivo por outra, ou os dois sentidos podem ter o mesmo valor mas serem escolhidos em momentos diferentes...

No caso das peregrinações aos santuários católicos, quaisquer que tenham sido as possíveis razões simbólicas originárias, a preferência pelo sentido anti-horário ficou fixada há muito, e Mixões da Serra não é exceção a esta unanimidade. E, na realidade, as variações entre versões pessoais da maneira de “fazer a romaria” são reduzidas e superficiais. No tocante ao número de voltas em redor da igreja, há quem faça sempre o mesmo (dizendo-se por vezes que deve ser 3, em referência à doutrina da Trindade) mas também quem afirme que “depende tudo da promessa que se fez”. As diferenças principais incidem aliás na intensidade do “sacrifício” que se pensa ser indispensável para assegurar o sucesso da promessa. Para uns, basta “ir à romaria” e estar presente na missa. Para muitos, e sobretudo quando a promessa é motivada por uma situação aflitiva, esta visão minimalista não pode chegar. O sacrifício deve realmente “custar” de alguma maneira.

Que quantia oferecer, além do preço do ex-voto?
A maior parte do tempo, ouve-se a queda metálica de algumas moedas na caixa ou na bandeja de esmolos. O silêncio indicando a entrega de uma nota é menos frequente: em geral, os montantes oferecidos não são muito elevados, embora possam representar uma real dificuldade financeira para quem tem rendimentos modestos. A reticência em considerar que uma promessa possa ser paga integralmente em dinheiro é aliás expressa com frequência. Esta opinião é por vezes acompanhada da referência à necessidade de um empenho em realizar uma “conversão” ou uma “peregrinação interior”. O recurso a esta terminologia, que aponta para uma maior proximidade ao discurso do clero do que à religiosidade popular, é pouco frequente ou espontâneo por parte dos romeiros em Mixões. Muito mais comum é a certeza que uma manifestação de gratidão a Santo António deva passar por algum esforço físico, o que pode motivar a decisão de ir à romaria a pé ou de dar mais voltas à igreja.

Promessas penitenciais e doloristas continuam comuns nas peregrinações portuguesas, embora com uma intensidade e uma visibilidade que não tem agora comparação possível com o que já foi o caso antes das sucessivas e persistentes tentativas de “limpeza” ou “purificação” levadas a cabo pela Igreja Católica ao longo do século XX (sobre esta questão, ver em particular os capítulos I e VI de Sanchis 1983). Nenhum caminhante sequer consideraria hoje a hipótese de fazer uma peregrinação descalço, terminando eventualmente por um último trecho de centenas de metros percorrido de joelhos ou mesmo deitado no chão. A dureza de tais exhibições de sofrimento (que podiam ter uma dimensão macabra, como no caso de uma procissão de caixões documentado no filme *Senhora Aparecida*, de Catarina Alves Costa, 1994), outrora muito comum, tem sido substituída por manifestações apesar de tudo mais brandas. Face a tais práticas, os responsáveis pelos santuários adotam uma posição de neutralidade, respeitando o sofrimento que leva à sua realização, mas evitando incentivá-las.

Nos dias de hoje, a devoção a Santo António de Mixões da Serra não parece levar pessoas a circundar o templo de joelhos ou, muito menos, deitadas no chão. Segundo pessoas que frequentam a romaria há várias décadas, “Aqui, nunca foi muito comum”, “Lembro-me de ver umas senhoras de joelhos, mas há já muitos anos”. Mas há também quem diga que ao alvorecer, antes ainda da instalação dos primeiros vendedores ambulantes, umas ocasionais silhuetas femininas, discretas, progridem ajoelhadas ao longo das paredes da igreja. Em todo o caso, o geral comedido das manifestações individuais de fé, contidas por padrões aceites e seguidos por todos, é um traço forte do “estilo” desta celebração.

Nem parece haver aqui a prática de votos de silêncio, ao contrário do que é comum em diversas outras romarias da região onde se pode ver peregrinos manifestando a sua vontade de mutismo temporário com uma flor nos lábios que querem manter fechados. Mas geralmente silenciosos são os animais, verdadeiros participantes mais ou menos plácidos na festa. Acompanham em redor da

igreja os seus donos absortos num momento de introspeção ou de reza em que pedem que “Sant’Antoninho os guarde!”.



JYD



AS



ENTRE A TERRA E O CÉU: MEDIAÇÕES

A interação com um santo que se procura realizar com uma participação na romaria não obedece, portanto, a uma forma ritual precisa que tenha sido fixada e codificada pela Igreja. Como escreve o Pe. Marques (1999: 31), trata-se de “cumprir com o ritual da sua consciência dentro do Ritual do Santuário”. A autonomia individual dos fiéis é reconhecida pelos membros de um clero que, na realidade, detém uma autoridade algo limitada ou, pelo menos, circunscrita a algumas áreas. A competência dos sacerdotes é evidentemente reconhecida como indispensável e o seu papel de mediador é inquestionado no que toca aos sacramentos e aos sacramentais (entre os quais se encontram, em primeiro lugar, as bênçãos). Mas, tanto hoje como já no tempo do estudo de Sanchis, o clero é excluído da orientação e da supervisão das promessas individuais, “porque raramente é consultado a este respeito (.../...) e mesmo assim nem sempre a sua palavra tem autoridade”. Mas é igualmente porque não participa “neste género de prestação dolorosa” que as tenta mesmo travar “em benefício de outras promessas menos teatralizadas, mais discretas” (Sanchis 1983: 51). E nos anos 1970 notava-se “uma passagem gradual” para a opção de conservar as ofertas

“em casas especialmente construídas para esse efeito e por vezes bastante afastadas da igreja” em virtude de “uma vontade de «purificação» do lugar sagrado, cada vez mais protegido e estritamente reservado aos actos considerados como especificamente religiosos” (Sanchis 1983: 94). Em Mixões, no entanto, a venda dos ex-votos realiza-se habitualmente nas traseiras da tribuna da igreja porque o número reduzido de confrades só permite abrir a Casa da Confraria durante os dias da festa. E, de qualquer maneira, “Os padres... Os padres fazem o seu trabalho, mas eu não preciso deles para falar com o Santo António!”, “Olhe que eu também não!” diziam no primeiro dia da romaria de 2022 duas senhoras de Braga acompanhadas dos seus gatos.

Os esforços desenvolvidos pela Igreja ao longo do século XX no intuito de levar ao abandono das promessas mais espetaculares foram progressivamente coroados de sucesso. As primeiras formas a terem sido visadas eram “bem entendido, as que se aproximam dos limites da condição humana”, escreve Pierre Sanchis (1983: 52), que observava também, há mais de 40 anos,

que “os enterros simbólicos em que o crente tomava a iniciativa de encenar e celebrar a sua própria morte, outrora muito frequentes, desapareceram hoje praticamente”. O filme de Catarina Alves Costa *Senhora Aparecida* (1994) apresenta precisamente uma situação em que, no início dos anos 1990, um padre age com grande determinação para convencer os seus paroquianos a abandonar uma prática deste tipo e a substituí-la por outra, do seu ponto de vista “mais correta”, gerando com isso bastante aflição numa população que não quer abandonar uma “tradição antiga”. Trata-se de um caso relativamente tardio, observado numa altura em que manifestações deste tipo já se tinham tornado pouco comuns.

Mas um mesmo tipo de antagonismo desenvolveu-se igualmente em reação às tentativas por parte do clero, já intensas por exemplo no tempo da Contra-Reforma mas que passaram em Portugal por uma fase de grande reforço a partir da primeira metade do século XX, de controlar outra dimensão das romarias: as festividades profanas que lhes são associadas e a programação da festa popular (Sanchis 1983: Capítulo VI). Os resultados foram mais variáveis do que no caso das promessas, questão sobre a qual os sacerdotes podiam reivindicar alguma competência inerente à sua formação e à sua função. Mas o voluntarismo obstinado de certos padres conseguiu fazer com que algumas romarias fossem “limpas” dos seus arraiais, apesar de serem muitas vezes as únicas oportunidades festivas da aldeia durante todo o ano.

Nalgumas localidades, o abandono de quaisquer atividades profanas, começando pelos bailes, acabou por normalizar-se e sedimentar-se. Tal exclusão passou assim a ser vista como “tradicional” e a definir a imagem de marca de celebrações conhecidas antes de mais por terem uma dimensão estritamente religiosa, ou quase, com a exceção da presença de alguns feirantes, como é por exemplo o caso em Soutelo, no concelho de Vila Verde, nos dias da romaria de Nossa Senhora do Alívio.

Em Mixões, a memória local não apresenta registo de semelhantes tensões. Pode ser porque promessas espetaculares não eram aqui mais comuns antigamente do que são hoje, ou porque os párocos que se sucederam no século XX adotaram todas atitudes menos desafiadoras.

É, aliás, óbvio que mesmo quando orientações a favor de um maior controlo dadas pela hierarquia eclesiástica podiam suscitar maiores fricções, as origens ou a personalidade de um pároco e o historial das suas relações com a comunidade local podem sempre ajudar a suavizar os antagonismos potenciais (Silva 2009: 612). E, de facto, nenhum capelão de Mixões da Serra parece ter levantado alguma objeção à bênção dos animais. Antes pelo contrário, o Pe. António Marques, em particular, ao longo de quase 40 anos de sacerdócio na paróquia, terá tido um empenho contínuo na promoção do ritual pelo qual é mais conhecida a festa local, e desde o seu falecimento, em 2018,

a sua figura é sempre evocada pelos habitantes como tendo sido essencial para as construções no santuário e para a continuidade da romaria.

Além disso, num contexto de afrouxamento do poder de controlo direto que a Igreja deteve ao longo de séculos para “civilizar” e “vigiar” (Silva 2009: 602), existem hoje poucas oportunidades de surgirem semelhantes conflitos abertos a propósito da organização de festividades. É tanto mais o caso quanto estas, embora conhecidas pelo nome do orago a que são dedicadas, desempenham o papel de festas de toda uma localidade - que espera sempre fazer delas um chamariz turístico.

É óbvio que, por exemplo, as festas de Santo António em Vila Verde ou de São João em Braga são muito mais do que celebrações estritamente religiosas desses dois santos e podem ser vividas de maneiras diversas, em particular com o atual maior distanciamento de muitas pessoas em relação à autoridade eclesiástica.

Na realidade, as decisões quanto ao tipo de atividades que podem ficar incluídas, em que sítios e em que momentos, no programa de festividades que se querem sempre “grandiosas” são hoje um assunto em geral bastante consensual. Sobretudo nos santuários cujas dimensões mais reduzidas impedem o afastamento das fontes sonoras mais invasivas, a coexistência das dimensões religiosas e profanas durante o evento podem ocasionar

pequenas fricções pontuais: os tocadores de concertina que não conseguem moderar o entusiasmo durante a passagem da procissão, os altifalantes dos vendedores que persistem em tentar atrair clientes durante a celebração da missa... E, por vezes, um responsável pela organização sente-se compelido a recorrer ao sistema de sonorização do santuário para lembrar num tom firme que uma romaria “não é uma festa folclórica”.

Quem poderá insistir mais nesta distinção são sobretudo membros do clero ou fiéis desejando salientar o rigor com o qual observam os preceitos da sua religião. Mesmo o Pe. Marques, que nunca criticou a festa popular, tem o cuidado, nos dois pequenos livros que escreveu sobre o Santo António de Mixões da Serra, de distinguir repetidamente entre o que chama de “ritual religioso” e de “ritual cultural” (Marques 1999: 27, 73; 1999b: 57). Aliás, um dos livros incide em exclusivo no dia de Santo António, sem qualquer referência à bênção dos animais. Esta é abordada no outro volume, como que para estabelecer uma distinção implícita entre uma manifestação puramente religiosa e o estatuto misto da outra. Como se verá adiante, esta separação entre os dois momentos da festa foi introduzida meramente para facilitar o seu funcionamento, mas resulta hoje numa certa perda de importância, pelo menos em termos de visibilidade e de frequência, do próprio dia do santo.



As comissões fabriqueiras (hoje chamadas de conselhos económicos paroquiais) e as confrarias são o lugar natural de mediação e de negociações entre a Igreja e a população no que diz respeito à gestão dos espaços e dos edifícios do santuário mas também à organização das festividades ou à sua promoção. O capelão do santuário de Santo António de Mixões da Serra (que, neste momento, é o pároco de Valdreu, embora não tenha sido sempre assim no passado) é o Presidente da Confraria, cujos estatutos, na sua versão de 1994, indicam que foi fundada em 1680. Esta data é muitas vezes referida pelos frequentadores do santuário, talvez em resultado do hábito que o Pe. Marques tinha de a citar amiúde, inclusive nos seus sermões nos dias da romaria, sem que pareçam, todavia, existir documentos históricos permitindo asseverar a sua exatidão. O professor Mota Alves, presidente da ATAHCA, uma associação de desenvolvimento local cujo apoio financeiro tem sido essencial para as obras realizadas no santuário, lembra-se que o Pe. Marques lhe mostrou um volume muito antigo, encadernado com couro e fechado com laços de mesmo material. No entanto, apesar de uma busca aprofundada nos documentos deixados pelo seu

predecessor, o Pe. Miguel não conseguiu localizar o que podia talvez constituir a certidão de nascimento da Confraria.

Em todo o caso, a data de 1680 é bastante verosímil, na medida em que um grande número de estatutos de confrarias e irmandades datam do último quartel do século XVII, resultado talvez de uma determinação da hierarquia eclesiástica ou de algum renovado interesse da sociedade da altura por este tipo de associação. Nos tempos de hoje, a Confraria passa, pelo contrário, por uma fase de pouco dinamismo, tradução de um fenómeno geral que é ainda reforçado nas localidades rurais isoladas que a população mais jovem continua a ter tendência para abandonar. Do livro de registo constam 250 nomes de irmãos, homens e mulheres, mas na realidade muitos já faleceram e a lista não tem sido atualizada. Segundo o Pe. Miguel, o efetivo atual ronda os 70 ou 80. “Nos últimos anos” houve “admissão de irmãos, algo que já não havia há muito tempo”, mas “o número de pessoas de 70, 80 ou 90 [anos] é maior que os de 20, 30 e 40. O peso será de 50 anos para cima. Como qualquer irmandade, nós não fugimos”.

A função mediadora desta associação tem relevância particular para os seus membros que, quando abandonam a vida terrena, têm direito a uma missa e a serem acompanhados até ao cemitério pela bandeira da Confraria. Oriundos na sua maioria de Valdreu, mas também de algumas das freguesias vizinhas, como Gondoriz ou Azias, alguns irmãos são membros dos órgãos diretivos, sendo que

o grupo mais envolvido e ativo não tem, ao todo, mais de 30 pessoas. Mas, declara o Pe. Miguel, “no dia da festa todos os irmãos são chamados a ajudar no que for preciso: no estacionamento, na orientação dos peregrinos, nos grupos de cavalos, na casa das estampas, na preparação do almoço, na organização da procissão... E olhar durante todo o ano por todo este espaço.”



“Todo este espaço” designa um conjunto edificado de tamanho relativamente reduzido em comparação com alguns outros santuários da região, mas suficientemente grande para que a sua manutenção seja pesada. E a escala de alguns dos seus elementos, como o escadório, só poderá ter sido viabilizada por investimentos avultados. Estes foram realizados a partir do início do século XX pela Confraria, liderada por padres dinâmicos e resolutos, em diversas etapas separadas por períodos de conjuntura socioeconómica desfavorável. A primeira fase data de 1916, com o início da construção de uma igreja capaz de acolher o grande número de peregrinos atraídos pela crescente reputação do santuário (o historial das obras encontra-se recapitulado num livro do Pe. Marques; 1999b: Capítulo III).

Evocar a capela primitiva leva a tocar no assunto das origens da devoção a Santo António neste lugar remoto que, tal como a data da fundação da Confraria ou, sobretudo, do início da romaria, suscita interesse entre os frequentadores do santuário. Alguns, sensíveis ao prestígio que pensam ser conferido por uma maior profundidade temporal, referem-se habitualmente à data de 1680,

que o Pe. Marques chegou a publicitar com insistência. Mas o mais habitual é remeterem para a tradição oral local (ou, mais exatamente, de origem oral mas já transcrita e transmitida em publicações, como os livros do Pe. Marques), segundo a qual, em tempos imemoriais, muito antes da fundação da Confraria, os rebanhos da região chegaram a ser dizimados pelos lobos e por uma “peste” terrível. Acedendo a um pedido que lhe dirigiram os pastores, Santo António afastou estas duas pragas. A população agradecida ergueu então uma pequena capela dedicada ao seu protetor, cuja fama depressa atraiu peregrinações de pastores de toda a região.

No Tombo dos casais, quintas e herdades pertencentes ao Mosteiro de São Salvador de Valdreu, datado de 1519, não se encontra qualquer referência à ermida, cuja data de edificação é desconhecida. Na vedoria, realizada a 5 de junho de 1519, do casal de Mixões da Serra, cujos limites confrontariam com o monte da capela, a descrição das confrontações da propriedade não associa qualquer topónimo a Santo António e não é feita referência à capela propriamente dita (Arquivo Distrital de Braga: A-2, fls. 333-334).

Embora esta ausência não constitua certeza da sua inexistência, fragiliza qualquer hipótese que defenda a sua construção no século XV ou mais cedo ainda. O mesmo Tombo salienta, como era de esperar, a importância da economia pastoril na região e a presença do lobo, revelada por exemplo pela indicação da existência de vários fojos (Arquivo Distrital de Braga: ADB A-2, fl. 313; fl. 325; fl.330; fl. 331). Já relativamente à “peste”, é certo que o gado padecia de várias doenças. Quanto aos humanos, as três epidemias de peste que assolaram Portugal no século XVI foram tão catastróficas que houve alturas em que os párocos deixaram de conseguir registar os inúmeros óbitos. A última vaga, designada de Peste Pequena, deflagrou no norte do país nos últimos dois anos do século. Um pouco por toda a região construíram-se capelas de São Roque e de São Sebastião, advogados da peste. Na extensa lista de milagres atribuídos a Santo António de Pádua não há referência a pestilentos. Todavia, a doença é mencionada num conhecido responso ao Santo, citado nos livros do Pe. Marques e ao qual a internet se encarrega agora de devolver a popularidade que ia perdendo com o definhamento da tradição oral:

Se milagres desejas,
Recorrei a Santo António;
Vereis fugir o demónio
E as tentações infernais.

Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são.

Tratando-se de tradição oral, nada permite saber se o termo “peste” deve ser tomado num sentido literal ou se designa qualquer doença, não só o mal que aniquilava os rebanhos, mas também aquele que dizimava humanos. Como tal, será legítimo equacionar a eventualidade de a edificação da Ermida de Santo António de Mixões ter alguma relação com as epidemias do século XVI. É possível também notar que o cruzeiro ostenta a data de 1607 (Santos 2021: 8).

Sabemos que em Mixões, em finais do século XVII, se diziam missas pelos defuntos, como se pode concluir pelo legado de João Rodrigues, solteiro, falecido a 29 de abril de 1696, que deixou no seu testamento as seguintes missas: “(...) duas em São Pedro de Rates, de Braga, uma em Nossa Senhora da Abadia no altar maior, e outra em Nossa Senhora do Monte e outra em Santo António (...)” (ADB: B-585, fl. 149, n.º 1). As referências à Confraria surgem nos registos de óbitos a partir do final da segunda metade do século XVII e início do século XVIII. Existem na freguesia três importantes confrarias com sede no templo de São Salvador de Valdreu. A quarta é a confraria de Santo António, na ermida de Mixões da Serra. Pelos montantes pecuniários mais reduzidos que lhe são ofertados é de crer que esta última seria a de menor importância na freguesia. As que congregavam o maior número de ofertas eram a Confraria do Senhor, ou do Santíssimo Sacramento, seguida pela Confraria de Nossa Senhora do Rosário e a Confraria do Nome de Jesus, ou do Nome de Deus. Domingas Gonçalves, falecida a 11 de dezembro de 1707, declarou que “por sua alma se gastassem vinte mil réis [...] que dos vinte mil réis haviam de sair as esmolas das confrarias que vinham a ser para a do Senhor trezentos réis [...] e para a de Santo António um tostão” (ADB: B-585 fl. 190, n.º 1). A 7 de maio de 1695, Frutuoso Martins

de Gouvim deixou à Confraria do Senhor seiscentos réis, cem réis a cada uma das outras duas, e cem réis à Confraria de Santo António (ADB: B-585, fl. 146 v, n.º 2). Ao longo do século XVIII mantém-se a mesma dinâmica de doações às confrarias de Valdreu. Veja-se o exemplo de Ana de Araújo, mulher do capitão Salvador de Araújo, falecida a 04 de março de 1720, que, no seu testamento, “deixou que dessem esmola à confraria do Senhor desta freguesia quinhentos réis, e à da Senhora [do Rosário], e do Nome de Deus, outros quinhentos réis para ambas: e a Santo António de Muixoes da Serra cento e vinte réis” (ADB: B-594, fl. 61, n.º 1).

Apesar de motivar ofertas menos avultadas, a devoção a Santo António devia já ter alcançado alguma expressividade na região, como podemos deduzir do que escreve em 1706 o padre António Carvalho da Costa na sua Corografia relativamente ao Couto de Baldreu: “Tem cento & vinte vizinhos, & em huma Aldeia da montanha, chamada Muxoens da Serra, tem huma Ermida de Santo António, muito visitada dos povos vizinhos em seu dia” (Carvalho da Costa 1706: 245). Não temos mais indicações quanto às atividades que eram então realizadas no dia do santo, mas esta deslocação dos moradores das redondezas é a primeira indicação da provável existência de uma romaria.

A fama crescente do Santo António de Mixões da Serra é, quanto a ela, revelada pelo pedido feito em 30 de maio de 1752 pelos oficiais da Confraria de Santo António, quando solicitaram, junto do Arcebispo de Braga, provisão de licença para colocarem um confessionário na ermida, num documento que nos informa da celebração da missa dominical na capela. Os “suplicantes” declaram que

tem sua missa todos os Domingos e dias Santos por cauza de lhe ficar / a Matriz com distância de mais de meia legoa

no tempo de inverno de muitas neves / e agoas por cauza das quais não podem / vir à igreja Matriz, e há muitos ve/lhos e velhas, que por cauza de sua ve/lhice se não confessam todas as vezes / que querem por não poderem vir à di/ta igreja.

O pároco confirma que

os lugares vezinhos / da capela de Santo António de / Muxoens da Serra desta freguesia de / Valdreu aonde está instituída a / Confraria e Irmandade ficaõ distan/tes da igreja meia legoa pouco mais / ou menos por montes e ruins caminhos / que muitas vezes se cobrem de neve / pelo inverno cauza porque muitas / pessoas ficavaõ sem missa e para re/mediar esta falta vai hum clérigo dizer missa nos dias de preceito à di/ta capella e nos ditos lugares há / pessoas velhas e outras mais que não / são e os irmaons da Irmandade que de/zejaõ confessar-se [...].

Perante tais argumentos, o arcebispo concedeu

licença para que na / capela do dito Santo António de que / se trata se possa colocar hum confi/ssionario o qual será feito de madeira / com toda a perfeição devida e com / suas gradinhas nos lados e assento no / meio e feito que assim seja e colo/cado em lugar público na dita ca/pela dele se poderá usar confe/ssando-se nele todas as pessoas que / sua devoção lhe pedir excepto pela / obrigação da quaresma que entam / o faraõ na igreja Matriz onde forem” (ADB: A - 107-265v-267).

Outro reconhecimento institucional virá em finais do século XIX, quando o Arcebispo “concedeu quarenta dias de indulgências a todas as pessoas que recitassem o Padre Nosso diante da imagem de Santo António, na capela de Mixões da Serra, orando igualmente pelas necessidades espirituais e temporais da Santa Igreja” (Santos 2021: 10). É provável que por essa altura as peregrinações a Mixões, aquando da romaria ou noutros momentos, já se tivessem tornado mais comuns, talvez facilitadas por melhores meios de transporte. E, poucos anos depois, já no século XX, perante a afluência crescente, a Confraria lança as obras que vão começar a dar ao santuário o aspeto que tem hoje.



ASV



“POR MONTES E RUINS CAMINHOS”

Este percurso histórico (que beneficiou da ajuda de Rui Faria) ilustra a progressiva afirmação, ao longo de séculos, de uma remota aldeola da Serra Amarela enquanto lugar de mediação entre este mundo e outra dimensão. Até há poucas décadas, a localidade só era acessível “por montes e ruínas caminhos”, como foi exposto ao Arcebispo em 1752. Fator essencial da sua longa pobreza, este isolamento continua numa certa medida a constranger a vida dos habitantes: ter de ir tratar de assuntos na sede do Concelho implica dispor de uma boa parte do dia. Mas os trilhos que ainda permanecem “ruins” e onde os automóveis não se aventuram são os que procuram hoje os caminhantes e os ciclistas de todo-o-terreno que gostam de explorar esses montes. De resto, como o reconhece o Pe. Miguel Neto, o santuário é procurado também em parte por causa da “vista alargada” que proporciona sobre os vales e as serras circundantes. O relevo e a distância passaram a ser fatores de atração e levam agora a Mixões cada vez mais forasteiros que podem estar inteiramente desprovidos de inquietações espirituais e não procurar intercessões junto do divino.



Contudo, nem que seja só geograficamente, ir a Mixões da Serra implica elevar-se; “Lá no alto...”, como se diz em mais de um artigo de jornal acerca da romaria. É algo surpreendente constatar que tantos romeiros e simples visitantes expressam aqui um mesmo sentimento de “paz”, de “respiração” ou de “reencontro consigo próprio” que dizem ser facilitado por uma envolvente erma propícia à introspeção. É certo que o mesmo pode ser ouvido com alguma facilidade noutros santuários: é parte daquilo que procura quem os frequenta por razões religiosas. Toda a paisagem da Serra Amarela resulta, na realidade, da influência de alguma atividade humana. Mas, como a intensa construção que é característica das zonas mais baixas da região não afetou Mixões, onde grandes vivendas recentes são poucas e ficam praticamente invisíveis a partir do terreiro, outros visitantes conseguem saciar aqui o seu desejo de contacto com “a natureza”. Este pode proporcionar-lhes o mesmo tipo de sentimento e, aliás, cada vez mais pessoas procuram articulá-lo com noções e práticas enquadradas por uma religião instituída.

Porém, após quilómetros de subida por estradas que, embora nem sempre perfeitas, já não são “ruins” e permitem descobrir amplos panoramas, ao estacionar o seu carro no terreiro do santuário, o viajante desprevenido fica surpreendido antes de mais pelo edifício da igreja. O coro foi edificado entre 1916 e 1924, recorrendo às esmolas deixadas pelos peregrinos. Os limites deste meio de financiamento e problemas de saúde do Pe. José Maria Dias, grande impulsionador do projeto, obrigaram a Confraria a suspender as obras. Estas só chegaram a ser retomadas em 1946, por iniciativa do Pe. João Martins de Freitas que, diz-nos o Pe. Marques (1999b: 60), “conhecendo muito bem a vida e a obra de Santo António e o seu grande desejo de ser missionário no oriente, para converter os Mouros para Cristo” quis “na sua planta através dos torreões transmitir o desejo ardente dessa vida missionária e talvez até o martírio em terras do Oriente.”

As duas fases da construção foram separadas por mais de duas décadas, mas há catedrais medievais que apresentam um estilo mais homogéneo, apesar de terem levado dois séculos a edificar.

Certo é que a fachada é bastante invulgar, ou mesmo intrigante, estruturada por dois torreões adossados ao muro principal (designados por “torriões” numa placa comemorativa da sua construção - alguém se esqueceu de pedir atualização ortográfica a Santo António), percorrida a meia altura e no seu topo por dois balaústres que enquadram uma tribuna em abside sobredimensionada, mais larga que a porta principal do monumento situada abaixo dela, e onde uma estátua de Santo António parece muito solitária. A combinação dos pormenores estilísticos avulsos é inclassificável: aberturas lembrando fortificações medievais, elementos decorativos neobarrocos da tribuna e, sobretudo, a cobertura dos torreões, que assenta em quatro colunas e cujas três beiradas sobrepostas tentam talvez evocar um pagode - reminiscência do possível “martírio em terras do Oriente”? Eclético sem relevar diretamente do ecletismo de finais do século XIX que parece no entanto querer prolongar, o edifício também não se enquadra nas tendências mais recentes das arquiteturas religiosas portuguesas do século passado. Convidado a apreciá-lo, um frequentador assíduo do santuário, originário de Aboim da Nóbrega, proferiu um juízo definitivo: “É diferente!”



Esta “diferença” é assumida por quem tem uma ligação afetiva com a localidade. Para um residente, membro da Confraria, apontando para a igreja, “O que temos aqui é único, não há outra igreja assim. O que seria preciso, é promoção!” E, de facto, sem a imponência dos templos de outros santuários, este edifício conseguiu tornar-se de certa maneira emblemático. Pouco depois da sua inauguração, a 13 de junho de 1952, foi destruída a pequena capela original, de modo a libertar todo o espaço do adro do novo edifício. As pedras do alicerce continuam visíveis no chão, registo histórico discreto. Discretos também, nem que seja porque se limitam a uma estrita funcionalidade sem qualquer intenção estilística semelhante às da igreja, os dois coretos, a Casa da Mesa e a Casa da Confraria são usadas sobretudo para reuniões. Entre as suas saídas nas procissões, o Santo António da capela original passa agora os seus dias nesta última, que é também aberta nos dias da festa para a venda dos ex-votos. São os restantes edifícios de um santuário onde, como em muitos outros, uma inspiração neorromântica instalou um pequeno bosque de altos carvalhos abrigando algumas mesas de pedra para as merendas dos romeiros e dos visitantes, e também uma fonte e um pequeno lago. Este é designado de Lago de Nossa Senhora da Conceição nos livros do Pe. Marques, um nome que na realidade é raro ouvir. Embora de dimensões muito reduzidas, não lhe falta uma ponte de madeira de feição quase japonesa que, desde 1993, atravessa a sua parte mais estreita.

Concluído em 1997, na mais recente campanha de obras estruturais, o escadório permite aceder ao ponto culminante. Em 1914, no início das transformações do santuário, uma estátua de Santo António foi instalada no penedo do topo onde, durante a festa em 2022, se ouviu o pai de uma família, sensível à recente moda que tem contagiado os miradouros de norte a sul do país, sugerir que “Fogo! Podiam pôr aqui um baloiço!”. Talvez com pena de não poder andar de baloiço, contemplando os montes e os campos onde pastam as vacas e os cavalos recomendados todos os anos à sua proteção, este Santo António do Penedo é também conhecido como Santo António das Galinhas. Segundo o Pe. Marques (1999b: 62), é porque as pessoas deixavam ali as galinhas que ofereciam para serem vendidas no leilão de angariação de fundos para a festa, que já não se realiza há vários anos. Esta explicação não diz porquê deixá-las num lugar tão afastado do terreiro e onde, aliás, até há uns anos, uma tabuleta aconselhava não deixar esmolas, porque “aqui são roubadas”. E existe aliás outra versão, dada por um antigo residente de Aboim da Nóbrega:



Aquilo tem uma lenda que é assim: puseram lá o Santo António, e depois estava lá uma pessoa a dar aqueles cartõezinhos [com a imagem do santo], só dava os cartõezinhos se dessem umas cinco coroas e tal, e ele dizia, “isto é uma esmola para galinhas”, e foi aí que ficou o Santo António das Galinhas. “Isto é uma esmola para galinhas” - era pouco dinheiro (.../...) eles davam muito dinheiro era cá em baixo.

Esta divergência acerca de um pormenor lembra que, sem serem necessariamente “ruins”, os caminhos da memória podem ser tortuosos e bifurcam, mesmo quando são percorridos por duas pessoas aproximadamente da mesma geração que têm um conhecimento direto e íntimo de uma festa de que gostam muito. As vivências do mesmo evento são sempre algo diferentes, e as recordações fazem uma escolha incerta entre elas. É o tempo a fluir.

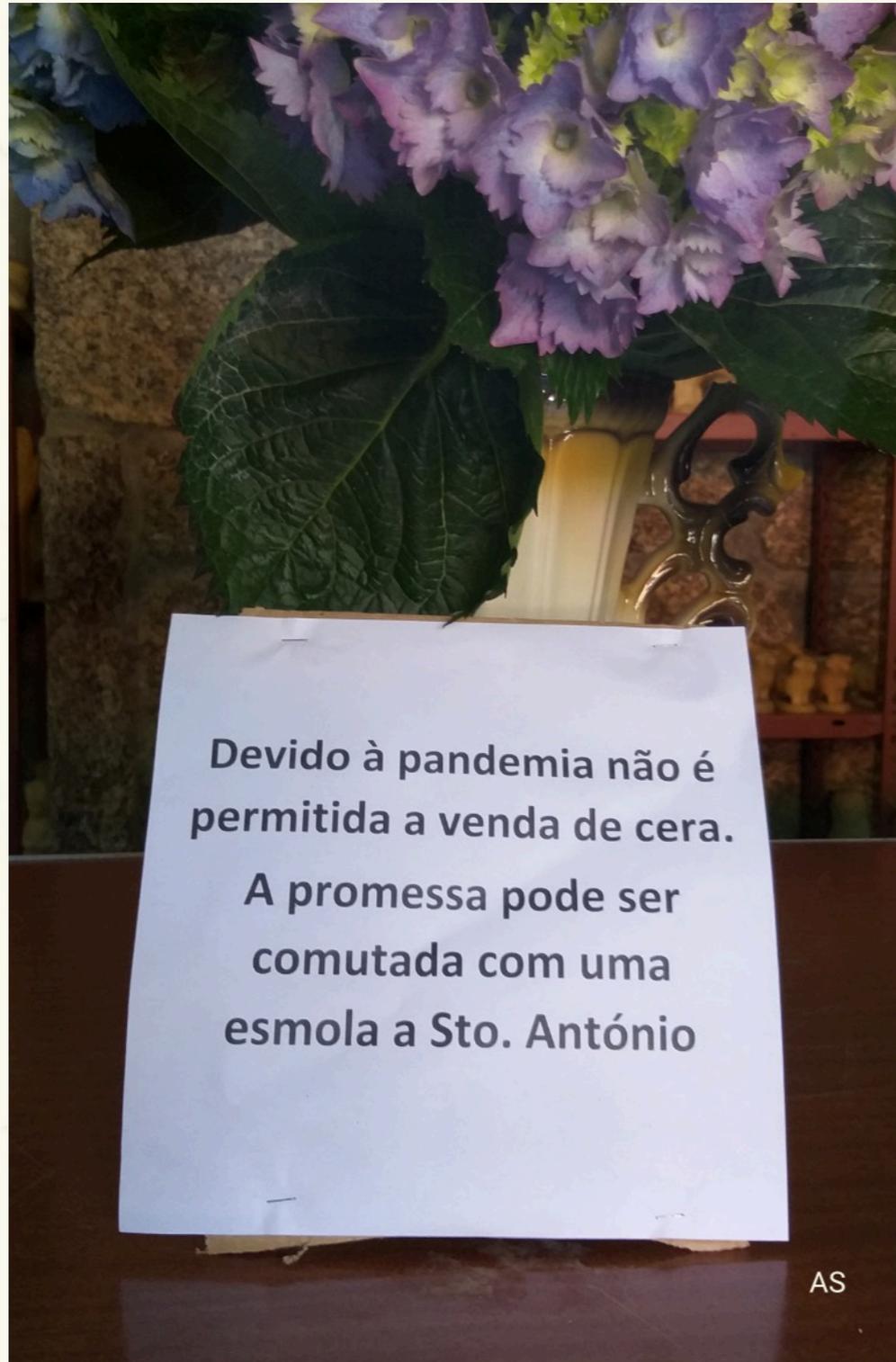
Mais ainda do que a consciência de estar a participar numa “tradição antiga”, o desejo de o fazer, de contribuir para a sua continuidade,

é comum em qualquer festa que seja vivida com alguma intensidade por uma população. Mas aqui, tanto a solidão de uma tarde chuvosa de inverno como o regresso anual da multidão humana e animal no dia da romaria reforçam o sentimento de estabilidade e de permanência transmitido pela paisagem dos montes que é preciso atravessar até encontrar aquele conjunto improvável, construído naquele lugar. Ora, em simultâneo, fora da agitação dos dias de romaria, o sentimento de estar retirado do mundo parece tornar o fluir do tempo mais palpável. Ou, como o diz o relato de uma visita que fez uma jornalista em 2016:

Atrás do santuário, castiço no seu estilo indefinido, talvez com uma pitada de gosto Walt Disney, fica o miradouro, também com o nome do santo, escadório à maneira e uma soberba vista sobre os vales do Cávado e do Lima. O ar rarefeito embrulha a tarde nos sons de pássaros a esvoaçar e tilintar de chocalhos. É a vida a fluir. (Magalhães 2016)



A VIDA A FLUIR



Devido à pandemia não é permitida a venda de cera.

A promessa pode ser comutada com uma esmola a Sto. António

AS

Acontece o fluir da vida ficar suspenso. Em 2020, em razão da pandemia, a bênção do gado, agendada para o dia 7 de junho, e as festividades do dia 13, como todas as procissões e outras concentrações religiosas, foram canceladas por decisão das autoridades de saúde e da Conferência Episcopal. Apesar disso, alguns raros cavaleiros fizeram questão de marcar uma presença individual. Mas pouca gente compareceu nas celebrações da eucaristia, realizadas com todas as medidas de distanciamento então vigentes. Comportamentos circunspetos e hesitantes quando dois conhecidos se reconhecem atrás de máscaras mais ou menos bem colocadas na cara, grupos que ficam afastados para conversar... Como algumas filmagens disponíveis na internet permitem constatar, o ambiente no terreiro esse ano não se distinguia do que se vivia no dia-a-dia em todos os espaços públicos do país - e foi muito diferente da atmosfera alegre de séculos de festividades no local.

No ano seguinte, a Confraria anunciou via Facebook em finais do mês de maio que a festa “ainda será num formato reduzido, apenas com a celebração das missas” e que “não se vai realizar a tradicional bênção dos animais, pelo que pedimos às pessoas que não levem os seus animais para o Santuário”. E insistiu, comunicando que no dia 6 de junho, data normal da bênção, “entre as 9h e as 13h não será permitida a permanência de pessoas com animais no adro do Santuário (espaço delimitado pelas correntes existentes no Santuário)”. Nos dois dias, pequenos grupos de cavaleiros apareceram perto da igreja antes de rapidamente se juntarem em convívios à sombra de carvalhos um pouco afastados do santuário, mas não se viu nenhum outro animal com a exceção de um ou outro cão devidamente segurado com uma trela, como podia ter sido o caso em qualquer domingo. A disposição distanciada dos músicos para a atuação da Banda de Aboim da Nóbrega contribuiu para uma estranheza ainda reforçada, no dia 6, pela passagem da prova de ciclismo “Gerês Granfondo” que levou ao adiamento da missa para o meio-dia.

Enquanto que nesses dois anos todos os comentários consternados giravam à volta de “É o possível...”, já 2022 foi muito mais risonho, com uma presença residual de máscaras e uma

programação semelhante à do período pré-pandemia, embora toda a gente deplorasse que o fogo-de-artifício tivesse sido cancelado em razão da situação de alerta decorrente da seca extrema. Vê-se que, se é comum considerar que uma festa é uma rutura, ou pelo menos uma mudança ocasional de ritmo no fluir da vida, é igualmente um ponto de ancoragem no tempo longo que contribui para um sentimento de estabilidade da existência. De uma festa como esta romaria espera-se recorrência, repetição, segurança. Como foi já salientado, é também sempre mais ou menos o caso mesmo com festividades que são assumidamente disruptivas. A sua irreverência é esperada, eventualmente programada, e acaba assim por ter dificuldade em conservar alguma dimensão transgressiva e escapar a um certo grau de conformismo algo paradoxal. Em contrapartida, a maior permissividade moral agora vigente faz com que comportamentos outrora tidos por desrespeitosos e subversivos fiquem agora mais diluídos no que é considerado normal e aceitável. Além do óbvio exemplo do namoro, basta pensar nas mudanças dos códigos do vestuário nas últimas décadas. Não há assim tanto tempo que ninguém teria sequer imaginado poder ir a uma romaria de calções e chinelos, com a tee-shirt estampada *Fuck that shit* (entre outros exemplos de tonalidade

apesar de tudo um pouco menos assertiva) que se viu em Mixões em 2022. Presumindo que o seu portador e muitos dos presentes sabiam o que significa a expressão, a ostentação de tais palavras não pretende na realidade manifestar nenhuma particular irreverência além de ser uma mera manifestação da possibilidade que uma pessoa tem agora de se vestir como bem lhe apetece, mesmo para participar num evento religioso que continua associado a um certo conservadorismo moral. Isso também é o fluir da vida.

Neste quadro, as mudanças bruscas são pouco frequentes. Sobretudo conjunturais, provocadas por constrangimentos pontuais, como a pandemia ou a seca, são temporárias e alimentam a esperança de um regresso tão rápido quanto possível à normalidade. Outras evoluções, mais progressivas e discretas, tendem a incidir em aspetos mais secundários da manifestação. Estes podem, no entanto, parecer regimentados com alguma precisão e rigidez, como por exemplo a organização da procissão do dia de Santo António, de que o Pe. Marques (1999: 63-64) dá uma descrição precisa que apresenta de maneira implícita como sendo invariável de um ano para o seguinte:

- . Cavaleiros de Santo António
- . Cruz paroquial
- . Bandeira da cruzada
- . Crianças da cruzada
- . Bandeira da Senhora da Guia
- . Bandeira de Nossa Senhora da Luz
- . Bandeira de Santa Bárbara
- . Bandeira de Santa Luzia
- . Bandeira do Coração de Jesus
- . Bandeira do Divino Salvador do Mundo, Padroeiro desta freguesia de Valdreu
- . Bandeira de Nossa Senhora de Fátima
- . Bandeira do Sagrado Coração de Jesus
- . Bandeira do Santíssimo Sacramento
- . Bandeira da Senhora de Fátima (Santuário)
- . Bandeira de S. José (Santuário)
- . Bandeira do Coração de Jesus (Santuário)
- . Bandeira do Padroeiro deste Santuário, o miraculoso Santo António
- . Andor da Senhora de Fátima
- . Andor de S. José
- . Andor do Coração de Jesus
- . Andor de S. Bentinho da Serra
- . Andor da Senhora da Conceição
- . Andor do Padroeiro Santo António
- . Pálio com os sacerdotes
- . Autoridades locais
- . Grupo Coral
- . Banda Musical de Aboim da Nóbrega
- . Povo de Deus em marcha.



Mas, decorridos pouco mais de 20 anos, em junho de 2022, havia muito tempo que o desfile já não integrava a bandeira e as crianças da cruzada, por falta de participantes em razão da evolução demográfica da região. É pelo mesmo motivo que as bandeiras de 2019 também não estavam todas presentes. Quanto à ordem dos andores, revela-se de pouca importância para os participantes que, em conversas realizadas alguns meses após a festa, não se lembravam de uma ordem particular ou nem sequer sabiam se alguma terá sido seguida um dia. Para o Pe. Miguel Neto, trata-se de aspetos secundários de uma celebração cujo sentido não é determinado nem limitado por questões meramente formais. Sobretudo, além das consequências de estrangimentos externos graves e inteiramente incontroláveis, como a pandemia, que são temporárias e reversíveis, as modificações afetando duravelmente a estrutura de todo o evento são raras.

Em qualquer romaria, alguma atividade profana pode eventualmente assinalar o início das festividades, que os sons percussivos da atuação de um grupo de zés-pereiras ou do rebentamento

de foguetes servem para comunicar aos moradores das redondezas. Além do arraial, é comum as celebrações que duram vários dias incluírem uma programação cultural mais ou menos popular ou erudita, que é habitual ser inspirada por uma temática espiritual. Mas aparece sempre sobretudo como um complemento, como uma parte secundária e dispensável. Nas festas mais curtas em que isso não existe, como é o caso do Santo António de Mixões, é onde a prioridade das atividades religiosas, enquanto motivo primordial e razão de ser do evento, é manifestada pelo facto das cerimónias religiosas ocuparem invariavelmente a parte da manhã, todos os anos, tanto no dia da bênção como no dia de Santo António. É óbvio que a importância da missa é aqui central. É “à sua volta que o clero regula o conjunto da romaria” escreve Sanchis (1983: 96), relevando que segundo os regulamentos episcopais “nada deveria acontecer antes da missa (.../...) e é somente na igreja, no decurso do sacrifício, no desenrolar do rito tão solenizado quanto possível (.../...) que o tempo da festa é verdadeiramente instaurado.”

A missa campal no dia da bênção constitui um importante momento de manifestação do sagrado fora do recinto do templo. É celebrada na tribuna à meia-altura da fachada, de onde os oficiantes e os representantes das autoridades locais são bem visíveis por todos. A sua transmissão por altifalantes incita quem se encontra no fundo do terreiro, perto do café e das tendas dos feirantes a ter atividades mais discretas durante a cerimónia. No entanto, para poder estar pronto na hora, o churrasco não pode esperar. Cheiros a carne grelhada chegam por momentos até ao nariz dos cães que assistem à missa na companhia dos seus humanos: alguns jovens, famílias, sobretudo muitas senhoras já de cabelo branco, sentadas em cadeirinhas dobráveis colocadas em meio-círculo em frente à fachada. Atrás deste grupo, as poucas vacas presentes não parecem entender que quem está a assar pode muito bem ser uma conhecida que pastava despreocupadamente com elas ainda há poucos dias.

Mais ainda do que a missa campal, a procissão que lhe sucede inscreve o sagrado no espaço da comunidade através do percurso de algumas dezenas de minutos pelas ruas da localidade, colocando cada ano o território debaixo da proteção do santo. Como a missa, mas ao invés das promessas individuais, que, tal como aquando da investigação de Pierre Sanchis, persistem em querer escapar à mediação ou ao poder de controlo da Igreja e traduzem uma relação mais direta e pessoal com o sagrado, a procissão constitui o grande momento de encontro entre a religiosidade popular e a proposta que vem “de cima”, do “organismo eclesial que possui a sua própria ordem de realização do sagrado, os seus símbolos e ritos, o seu culto oficial” (Sanchis 1983: capítulo IV). Quem quiser pode então participar de maneira ativa nesta fase do ritual, juntando-se ao desfile como sempre, elemento anónimo do “povo de Deus em marcha”, ou para ajudar a levar as bandeiras, os andores, o pálio.



É quando a rica decoração floral dos andores que foram preparados no interior da igreja, atividade mobilizando só mulheres, tem o seu momento de maior visibilidade e esplendor, e suscita comentários apreciadores nem sempre desprovidos de alguma tonalidade de avaliação concorrencial: “Sabes quem é que pagou as flores do São Bentinho? São tão lindas!”. Pelo menos tanto como a estética do arranjo, o seu preço provável é um critério de um esforço de ostentação que recorre muito pouco a flores locais: apesar de exuberantes no mês de junho, são pouco usadas e preteridas pelas propostas exóticas mais vistosas, e que se sabe serem muito mais dispendiosas, de floristas profissionais.

O arraial só tem o seu verdadeiro início após a conclusão da procissão. O terreiro esvazia-se depressa, deixando à mostra na calçada os testemunhos de algumas horas de presença dos animais, que secam depressa debaixo do sol abrasador. Como os outrosromeiros, os cavaleiros procuram um lugar onde almoçar, afastando-se um pouco do santuário. As vacas regressam aos veículos em que viajaram, estacionados a sul da aldeia, onde mais uma imagem do santo protege

a localidade do alto de um rochedo cuja forma dá o seu nome ao parque do Santo António do Chapéu. É quando os representantes das autoridades apertam umas últimas mãos, dão uns últimos beijos antes de irem cumprir outras funções de representação algures no concelho ou na região.

E é quando as merendas, que aliam agora bebidas e petiscos industriais e caseiros ou mais tradicionais, são tiradas dos leva-tudo e geleiras e colocadas na mesa de pedra que, ano após ano, os habitués fazem questão em ocupar logo de manhã para garantir um lugar à sombra. E, ano após ano, dá-se o reencontro entre quase-conhecidos, um pouco como entre as famílias que arrendam sempre a mesma barraca na praia. Pergunta-se “E a sua mãezinha, não veio este ano?”. A vida a fluir.

O dia 13 de junho, dia de Santo António, é feriado municipal em Vila Verde. Na vila, sede do concelho, as festividades integram atividades diversas e animação cultural promovida pelo Município. Estendem-se ao longo de vários dias em que a vertente concelhia secundariza a dimensão religiosa. O equilíbrio é maior em Mixões, onde

o arraial ocupa a tarde dos dois dias - momento durante o qual quem não pôde vir mais cedo continua a comprar ex-votos na Casa da Confraria e a ir pagar as suas promessas à volta da igreja e rezar a Santo António no interior. Esta parte do programa é a mais suscetível de ser alterada. Como é óbvio, aqui como em qualquer outra romaria da região, comes e bebes, vendedores de doces, de frutos, de enchidos e de bugigangas diversas são elementos obrigatórios, tais como a atuação da banda, o fogo-de-artifício, as animações musicais organizadas ou espontâneas: atuação de ranchos folclóricos, cantares ao desafio, as inevitáveis concertinas...

Mas a presença de diversas outras animações é muito mais incerta. Concurso de gado da raça barrosã, desporto de aventura, passeios em balão de ar quente, escalada, passeios guiados de jipe, todas estas atividades indicadas pelo Pe. Marques numa enumeração quase publicitária (1999b: 57) podem ter feito uma aparição pontual numa ocasião ou noutra há muitos anos, mas o certo é que muitas conversas tidas durante a romaria em 2022 mostram que não marcaram as memórias. Armando Carriço, observador atento das tradições regionais, que gosta de registar pela fotografia, não se lembra de corridas de cavalos organizadas, embora haja “sempre 2 ou 3 que decidem fazer uma corridinha”. Mas evoca o tempo em que, “há uns anos, chegou a ter cadeirinhas lá em cima, aqui há cerca de 40 anos,

para aí durante uns 10 anos seguidos chegou a ter cadeirinhas, no dia 13”, e lembra-se ainda que “Já tentaram meter um conjunto lá, não resultou.” A introdução do uso de altifalantes é vista por Sanchis (1999: 157) como a causa da “extinção - ou quase - de outras vozes, tornando impossível outras manifestações que davam tradicionalmente a principal característica aos arraiais de romaria. A voz dos coros espontâneos rurais, a música dos instrumentos populares e as danças.” Mais ou menos meio-século após as observações que o levaram a escrever essas linhas, o desaparecimento dos “coros espontâneos rurais” é consumado, um facto pelo qual os altifalantes devem ser menos responsáveis do que a completa reestruturação da agricultura minhota, com a mecanização e o fim dos trabalhos coletivos de entreajuda recíproca. Embora numa escala já sem comparação com o que foi e envolvendo agora sobretudo participantes cuja vida não tem nenhuma ligação à lavoura (ou até que só são rurais ao fim-de-semana), a vindima é o único momento em que quem reside no campo minhoto pode ainda por vezes ser surpreendido por um coro entoado por bocas invisíveis atrás das cortinas de vegetação, resquícios de uma paisagem sonora desvanecida. Mas esta prática já se tornou residual e ocasional, e, talvez porque as memórias continuam a associá-la à grande dureza do trabalho braçal, não está a suscitar uma reapropriação afetiva e estética.

Em contrapartida, sabe-se que a música popular está a passar por uma fase de notável vivacidade e readaptação, visível sobretudo no impressionante crescimento da prática da concertina, agora adotada por muitos jovens - e cada vez mais jovens mulheres, uma perspetiva que teria seguramente parecido improvável há meio-século. Algumas arriscam-se também a cantar ao desafio, mas, mesmo com a nova vitalidade que também o caracteriza neste momento, o repentismo continua a ser uma prática sobretudo masculina, e em particular na abordagem dominante do tratamento dos seus temas prediletos. Pode ter havido um tempo em que os altifalantes abafaram a música e os cantos tradicionais, mas estão agora postos ao seu serviço e são muito eficazes para cobrir os persistentes anúncios mirabolantes dos feirantes. E se nos anos 70 chegou a ser possível escrever que “É como se uma mola se tivesse partido nesse povo outrora apaixonado. A falta de vigor da dança é o reflexo da passagem anómica que esta sociedade atravessa”, a sociedade portuguesa deve ter voltado a encontrar identidade, energia e rumo: enquanto que, na altura, “Para a maioria dos romeiros a grande atracção [era] o espectáculo, um espectáculo ao qual se assiste quase sem participar” (Sanchis 1983:167), esta afirmação foi desmentida pelas dezenas

de pessoas de todas as idades que, na festa em junho de 2022, se juntaram à atuação do Rancho Folclórico de Valdreu para dançar com alento durante uma boa parte da tarde apesar do forte calor. Ainda recente, este interesse renovado pelas danças da região é agora patente tanto nos terreiros das romarias como nas praças de muitas cidades e vilas da zona, onde nos últimos anos, ao domingo à tarde, se têm multiplicado encontros espontâneos de largas dezenas de dançarinos entusiastas. Não se vislumbra, portanto, nesta descrição, nada que poderia distinguir o arraial do Santo António de Mixões da Serra. Esta festa, no entanto, goza de uma reputação que continua a atrair forasteiros. Quando interrogados, declaram com frequência virem para dar continuidade a uma tradição da família, mas também porque gostam de um ambiente que veem como tendo uma particular alma “rural”. É provável que a localização serrana e a paisagem favoreçam esta ideia. Mas, na realidade, a vida no campo já tem muito pouco a ver com as representações que se continua a ter dela. E a imagem de uma associação estreita entre esta romaria e a ruralidade decorre antes de mais do seu elemento estruturante que tem mudado de maneira mais profunda na sua história recente: a bênção.

An aerial photograph of a bullfight, showing a large crowd of people and many bulls. The scene is captured from a high angle, looking down on the arena. A central horizontal band with a marbled texture contains the text. The entire image has a blue color cast.

O ANTIGO E O NOVO: IMAGENS

Não são conhecidos documentos históricos que possam comprovar que, como os locais gostam de dizer, a bênção de animais já se fazia em 1680, data popularizada pelo Pe. Marques para a fundação da Confraria. Mas, “Segundo o testemunho oral dos moradores mais idosos da freguesia, já no tempo dos seus avós - há cerca de 150 anos - os animais eram levados para a cerimónia” (Santos 2022: 9). Em todo o caso, qualquer que seja a sua verdadeira idade, é muito antiga e apareceu numa altura em que a vida na região e em particular a pecuária eram muito diferentes do que são hoje. Nem todas as festas em que se benzia animais, seja sob os auspícios de Santo António ou de outro santo, conseguiram acompanhar os novos tempos. Quando o fizeram, como em Mixões, os velhos tempos ainda são o ponto de referência, o modelo ideal em relação ao qual a festa é avaliada. Outrora, segundo Armando Carriço, “Nem ovelhas nem nada, era só o gado e os cavalos - os cavalos são gado, mas nós “o gado” chamamos às vacas. Era só isso e os cavalos, mais nada. Este ano até vi lá levar uma galinha! E um coelho também. Depois pronto, também fica bem.”



MJN

A BÊNÇÃO DOS ANIMAIS

COMPILAÇÃO DE IMAGENS
RECOLHIDAS NA
ROMARIA DE ST.º ANTÓNIO
DE MIXÕES DA SERRA

2021 - 2022



[Clique para ver o filme](#)

“Fica bem”, talvez, mas toda a gente concorda que o que “fica” realmente bem são as vacas. Ou sobretudo “ficavam”, quando eram muitas. Todas as evocações de festas do passado voltam ao mesmo: quão lindo era o “mar de vacas, ali no terreiro”. “Centenas de cabeças, todas alinhadinhas em frente à igreja”, “Aquilo tinha uma força!...” A evocação desta imagem emblemática da romaria alimenta a nostalgia de outros tempos, como nas palavras de Armando Carriço:

Quando o gado ficava mais velho, ficavam os cornos mais brancos. Mas untava-se com azeite. E havia quem, no nó da sogá, lhe pendurasse umas rosas, nós nunca fizemos isso, mas cheguei a ver algumas que punham lá umas rosas no nó da sogá, e enfeitavam o gado. Iam para lá sem a campinha, sem o chocalho, para não fazer barulho, e depois havia quem, para enganar as pessoas, faziam um estrugido para pôr os cornos mais amarelos, para parecer mais novas, só que às vezes notava-se que ainda tinha cascas de cebola no pêlo da vaca... as pessoas não olhavam bem e às vezes ficava um bocadinho de casca de cebola. Mas faziam estrugidos mesmo para... como agora para polir um carro antes de vender, deixam a marca da máquina, é a mesma coisa!

Evocar o passado traz saudades que ajudam a esquecer a antiga dureza da vida. As memórias insistem no que é lembrado como uma alegria simples: “Parece que era tudo mais sincero”, “Havia muito namoro!”. Da então obrigatória deslocação a pé fica só a lembrança do convívio que suscitava:

nós íamos ver as pessoas a passar a cantar, (.../...) um a tocar concertina, vinham assim até a Portela de Vade, porque iam pessoas daqui dos lados das freguesias dos Arcos, de Ponte da Barca, deste lado de Nogueira, toda a gente ia para lá a pé, quase toda a gente. Depois pronto, de mais longe tinham de vir de autocarro.

(.../...) era muita gente a pé para cima, levavam a merenda, as pataniscas de bacalhau, o garrafão de vinho e essas coisas, e depois vinham para baixo a cantar. Não havia muitas concertinas, mas havia sempre aqueles grupos, por exemplo uma concertina dava para vinte ou trinta, vinham todos a cantar.

Até parece que as pataniscas eram melhores. Discursos nostálgicos deste tipo podem ser ouvidos a propósito dos tempos idos de qualquer romaria. Em Mixões, cristaliza-se sobretudo na particularidade da forte presença do gado:

Nós éramos muito pequenos e quando chegava uma hora nós vínhamos de volta p'ra baixo, dava a mosca no gado, e batia com os cornos nas costas. Havia momentos assim um bocadinho fracos, mas era agradável de ir, e depois essa tradição perdeu-se muito. (.../...)

No domingo antes do dia 13 de junho, aquele adro de Mixões da Serra era só vacas. Nós chamávamos-lhe o Santo António da Vacas, e no dia 13 de junho o Santo António das Burras, porque era os cavalos.

Com o passar do tempo, memórias podem divergir: se toda a gente diz que sempre houve cavalos na festa, já não são unânimes ideias acerca do seu número ou da sua maior presença em certo dia. Segundo o Sr. Luís, cavaleiro de Prado que tenta ir à romaria todos os anos com um grupo de amigos,

marcando mesmo presença na medida do possível nos dois dias, “pela tradição e pela devoção” “sempre houve muitos cavalos (...) À frente, lá no espaço, está sempre o gado bovino e depois é que estavam os cavalos. Daí não se notar tanto, por estarem espalhados mais, nomeadamente debaixo das árvores e nos campos à volta.” Reconhece, no entanto, que se deu um forte aumento da presença equina nas últimas duas ou três décadas: “Menos gado, mais cavalos, parece que tem sido ao mesmo tempo” mas “Gosto de animais, para mim... Desde que tenha muitos animais, para mim está sempre bonito” mesmo se “para quem nasceu no campo acaba por ser um bocado triste ver que os bovinos, não é... o gado bovino que esteja quase a ficar, não é extinto mas haja muito mesmo muito pouco no nosso concelho.” Tendo sem dúvida percebido esta evolução, o Pe. Marques tentava talvez integrá-la na tradição quando começou a falar dos Cavaleiros de Santo António, atribuindo-lhes um lugar de destaque na frente das procissões. No meio da multidão da festa ainda aparecem algumas tee-shirts castanhas estampadas com esta designação de um grupo que não tem na realidade nenhuma existência organizada.

São agora muitas dezenas de cavaleiros e algumas cavaleiras que, na manhã da bênção, sobem pela serra acima desde as terras vizinhas, por uma grande variedade de estradas e caminhos. Em mais um sinal de apego à “tradição”, uma ou outra manta de sela mais original é bordada com os motivos coloridos dos lenços de namorados, agora emblemáticos do concelho de Vila Verde, decoração realizada por vezes pela própria cavaleira, outra vez “pela minha mãe” ou “minha namorada”. Cavaleiros aparecem também no dia de Santo António, mas em números muito mais reduzidos. As suas montarias são então os únicos animais presentes no santuário. Alguns grupos, oriundos de localidades mais longínquas, trazem os animais em atrelados que estacionam algures na subida e só cavalgam nos últimos quilómetros:

Ultimamente tem aparecido muitas carroças, que antigamente não apareciam, muitas carroças de cavalos (... /...)

Agora, pronto, vêm cavalos de muito longe, no seu jato particular quase, a bem dizer, no seu camião, e chegam ali pertinho, nem às Carvalheiras, chegam ao marco de Bezeguimbra [já muito perto do santuário], e entram lá perfeitos, todos limpinhos, todos lindos...



O Sr. José Viana, que desde muito jovem costuma fazer a cavalo as 5 horas de caminho entre Prado e Mixões, diz que:

Tipo 6 da manhã saímos de aqui [Prado], sim. Umas vezes saímos de aqui, outras vezes saímos das Carvalheiras, depende, se o tempo estiver bom podemos sair de aqui, se o tempo estiver de chuva, que às vezes calha, não é, não é muito comum, mas já aconteceu chover no dia de Santo António e muito.

Mas nem todos os cavaleiros optam pelo caminho longo e, mesmo com bom tempo, vê-se muitos atrelados estacionados em vários pontos da subida a partir das Carvalheiras. Como Armando Carriço, certos frequentadores antigos do santuário têm

opiniões matizadas, algumas mais resignadas do que entusiastas, a propósito dessas presenças que um local considera como “decorativas”: “Sem eles, nem sei se ainda haveria bênção”. A elegância imponente dos animais é sempre apreciada mas, mais do que a sua força e o seu nervosismo, receia-se por vezes o exibicionismo de alguns dos seus donos que “deveriam ter mais cuidado” quando estão no terreiro. Sente-se alguma ambivalência nos comentários admirativos das habilidades de certos animais: levar um cavalo a fazer uma vénia quando é benzido, evocação de um milagre de Santo António, leva “mesmo muito trabalho”, mas também “Há muita vaidade”. Os antigos comportamentos desordeiros de alguns cavaleiros deixaram também memórias divertidas: vinham “às vezes também com muito vinho, porque eles chegavam depois às Carvalheiras, faziam ali uma dança, acabavam cedo, faziam uma dança até haver porrada. Depois de haver porrada acabava a dança, era mesmo assim” e “Havia sempre um que caía do cavalo, pronto, tornava-se engraçado...” Mas por vezes “a porrada” ainda é de atualidade:

Uma rixa, no lugar de São Sebastião, na freguesia de Azias em Ponte da Barca, entre dois grupos de peregrinos a cavalo que rumavam a Santo António Mixões da Serra, conhecida romaria do concelho de Vila Verde, obrigou à intervenção da GNR e dos



Bombeiros Voluntários de Ponte da Barca.
Fonte da corporação local, adiantou que eram cerca de uma dezena de pessoas, mas apenas 4 foram assistidos pelos bombeiros no local, recusando no entanto ser transportados ao Hospital. Os restantes recusaram assistência, mas a mesma fonte referiu que se tratavam apenas de alguns ferimentos ligeiros sem gravidade. (Barca FM 2018)

E, “No meio de tanto povo, com a canalha por todo o lado, um dia ainda acontece uma desgraça”.
E já aconteceu:

Uma mulher, mais nova, sofreu também um acidente quando caiu do cavalo em que seguia tendo a queda provocado a fractura da coluna. (.../...) A mulher descia os acessos a Mixões da Serra depois de ter levado o animal à cerimónia da bênção quando se deu o acidente. De manhã, os voluntários de Vila Verde já tinham assistido a um outro homem que levou uma patada de um dos animais, resultando daí ferimentos nas duas pernas. (Antunes Pereira 2008)

Alfredo Cunha, um fotógrafo de renome internacional que se tornou vilaverdense há já muitos anos, publicou em 2021 um livro dedicado à romaria de Santo António, patrocinado pelo Município. É uma obra em que são sensíveis empatia e respeito por gente muitas vezes desgastada pela vida, que se mostra movida por uma fé sincera e que não despreza gestos de carinho e amor entre gerações. São dezenas de imagens, atentas às pessoas e também a alguns dos animais presentes, mas muito poucas mostram cavalos:

Não é um aspeto da romaria que aprecio, tem um lado demasiado recente que não é o que procuro em Mixões. Quando fui ao Santo António pela primeira vez, há uns vinte anos, foi como um regresso à minha infância. Sou da Beira Baixa, mas muitas coisas eram parecidas, começando pela gente. (.../...) O que vejo no Santo António é um Portugal que está a desaparecer, e que procuro registar antes que seja tarde. (.../...) Da primeira vez que fui a Mixões, o gado enchia completamente o adro. Agora só estão lá algumas cabeças. Foi mesmo muito rápido.

Numa entrevista publicada no site de uma escola de Vila Verde, o fotógrafo diz também ter “uma preocupação etnográfica. (.../...) a intenção de dar testemunho de um tempo que está a desaparecer.” (EPATV 2022). Esta reivindicação de um olhar de cariz etnográfico coaduna-se, portanto, com a prática de uma seleção que deixa fora do quadro uma parte da realidade que o autor acha menos atrativa. Importa-lhe fazer um registo de urgência de um modo de vida que está a desaparecer, não de documentar o que o está a substituir nem como o está a fazer.



Será que todos os fotógrafos e videastas presentes na romaria fazem a mesma opção, da mesma maneira consciente e deliberada?

Em 2022, os fotógrafos (o masculino é justificado: só havia duas mulheres) eram muito mais do que as sete vacas: mais ou menos o dobro. E estas eram de muito longe o objeto preferencial da sua atenção, de que não desviavam muito as suas lentes, a não ser para imortalizar a bênção de um cachorro especialmente fofinho ou de um cavalo altaneiro. Esta polarização das atenções incide aliás muito mais no longo momento da bênção em si - longo, porque os animais são benzidos um por um - do que na totalidade do dia em que tem lugar: o enxame de fotógrafos desapareceu por inteiro à hora do almoço, ao mesmo tempo que as vacas (o bonito documentário realizado por Serguei Loznitsa em 2012 é uma notável exceção).

Mas profissionais ou amadores que praticam uma fotografia de alto nível técnico, entre os quais o turista francês que vimos descobrir o santuário na manhã da bênção, não são os únicos a documentar o momento: é às centenas que peregrinos o fotografam no seu telemóvel ou mesmo o filmam e transmitem em direto para familiares ou amigos emigrados e que este ano, por alguma razão, não podem estar presentes. Um olhar a algumas das muitas páginas que acolhem algumas dessas imagens, fixas ou

animadas, na internet é suficiente para ver que os seus temas são muito mais diversos: a bênção, é certo, mas de todos os animais; a procissão (também do dia 13) e em particular os andores; o rancho folclórico; os tocadores de concertinas e os cantores ao desafio; as diversas imagens de Santo António dispersas pelo santuário: no miradouro, no parque do Chapéu, na tribuna da igreja, na fachada, e, transportado no andor, o Santo da capela primitiva, esculpido num estilo algo *naif* que lhe dá um ar meio tristonho. Algumas destas últimas imagens de outras imagens são tiradas em *selfies*. Apesar de uma técnica hesitante e de uma estética incerta, este conjunto improvável acaba por compor um retrato que deve ser próximo da realidade da experiência de muitos peregrinos - e não unicamente das vacas.



Estas são sem dúvida as *stars* do dia, mas muito menos individualmente do que quando consideradas em grupo. São bastante conhecidas as fotografias, tiradas do alto de um dos torreões, em que dezenas de vacas engalanadas, em várias linhas paralelas em frente à igreja, esperam pela bênção: utilizadas em documentos de promoção turística ou em postais do Município, também se encontram nalgumas lojas da região ou no próprio santuário, com cores já bastante desbotadas, nas paredes da sacristia e da Casa da Confraria. No gabinete do prof. Mota Alves, na sede da ATAHCA em Vila Verde, é um quadro que representa o mesmo momento. Ora, com o minguar da participação bovina na romaria, esta cena impressionante já não pode ser observada ao vivo e os fotógrafos frustrados concentram agora os seus esforços no grupinho de vacas. Só podem esperar, com um enquadramento apertado de alguns pormenores - os olhos plácidos, a perspetiva dos cornos alinhados, o contraste das fitas vermelhas e verdes com o castanho dourado do pelo... - conseguir o efeito emblemático outrora produzido por uma vista em plano largo de um rebanho imenso ocupando todo o terreiro. Mas trata-se de uma representação parada no tempo de uma situação que já não tem existência na vida real. Optando por pôr de lado a abundância de cores vivas que parece agora inevitável em qualquer ilustração superficial das festas do Minho destinada a um consumo

turístico, o trabalho de Alfredo Cunha tenta aproximar-se da interioridade das pessoas fotografadas. E com o uso exclusivo do preto-e-branco, e certas fotografias tiradas em dias de junho chuvosos, a obra tem um lado sombrio que, de facto, convém melhor às perspetivas atuais da pecuária tradicional e do modo de vida de quem ainda a pratica.

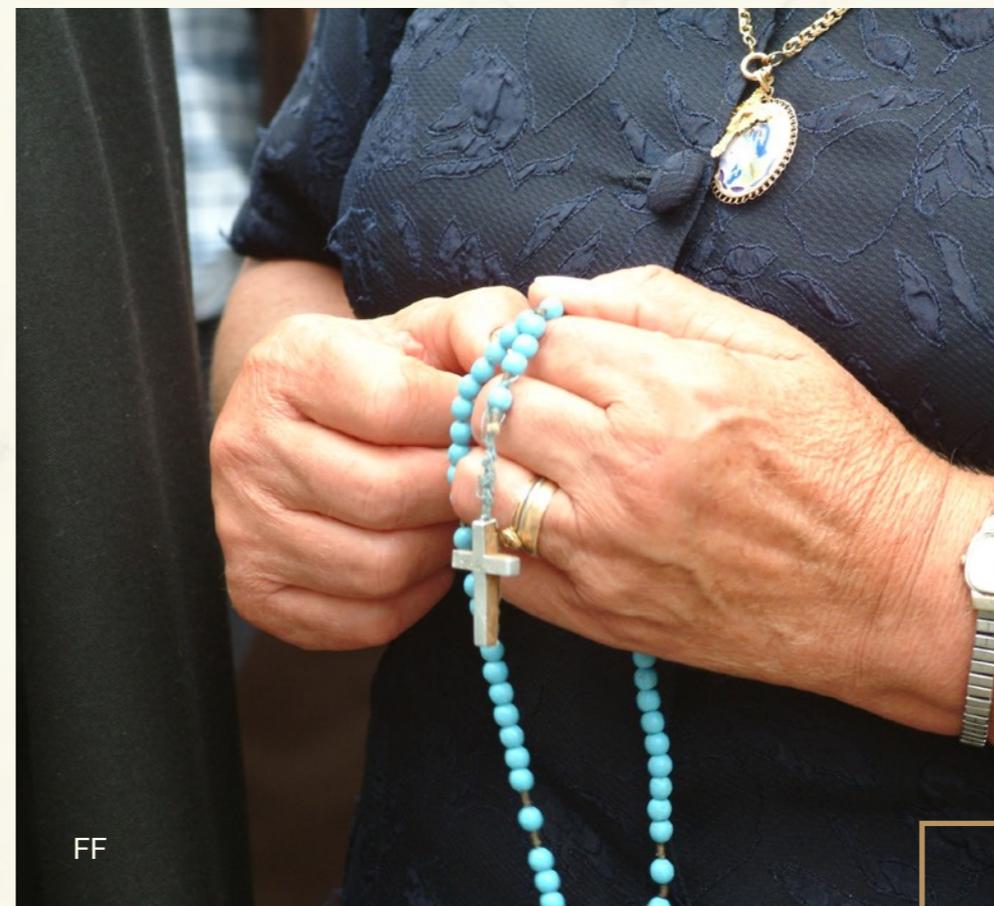
Não eram tão inquietantes há meio-século, quando o Pe. Marques tomou em 1972 a decisão de realizar a cerimónia da bênção no domingo anterior ao dia do Santo (ou no domingo 5 quando 13 é uma segunda-feira). Com esta separação, tratava-se de tentar repartir o grande número de peregrinos entre dois dias, de modo a facilitar o seu acolhimento numa aldeia tão pequena que não dispõe (muito menos na altura) dos equipamentos necessários. Resultou em parte, mas criou também um desequilíbrio entre os dois momentos: 13 de junho é o dia oficialmente dedicado a Santo António, mas a atenção mediática concentrou-se no lado espetacular e curioso da bênção. E esta tornou-se o momento em que a afluência de forasteiros é bem maior e o arraial ainda mais animado. É quando as autoridades fazem questão de marcar presença. Alguns feirantes, aliás, não ficam até ao dia 13, que é muito mais parecido com uma festa habitual numa pequena aldeia. Nos dias seguintes, a bênção será

relatada em reportagens ilustradas com as inevitáveis imagens das vacas, mas nenhum jornalista se deslocará para o dia de Santo António.

Decidida por razões práticas, esta disjunção dos dois momentos iniciou, portanto, a encenação mediática da bênção, que se reforçaria nas décadas seguintes em resultado do sentimento de desaparecimento da cultura popular rural e, em simultâneo, da sua transformação num atrativo turístico. Um pedido de escrita de um pequeno livro sobre a romaria inscreve-se aliás no mesmo movimento de promoção e valorização: uma manifestação cultural que existiu ao longo de séculos de uma maneira espontânea numa localidade passa a ser objeto de atenções e intervenções deliberadas, de uma vontade de preservação, porque se pensa que a sua transmissão às gerações vindouras, tida por importante, está ameaçada.

Num contexto geral de diminuição da prática religiosa, de distanciamento em relação à autoridade da Igreja e de diversificação das afiliações, as romarias nunca atraíram tanta gente. Para alguém que frequenta a festa de Santo António há décadas, como Armando Carriço,

Eu acho que é mais... acho que já há pouca gente que vai pela religião. No outro dia fomos lá à missa e tinha nove pessoas na igreja. Tinha nove pessoas! Sim, umas dez pessoas... Mas as pessoas que vão lá... Vinte por cento talvez, ou nem tanto, vão lá pela religião. De resto é tudo... é turismo religioso, como se costuma dizer.



FF

Seria obviamente muito difícil avaliar a intensidade e a sinceridade dos sentimentos religiosos de todos os participantes numa romaria. É sabido que entre os peregrinos a Santiago muitos caminham centenas de quilómetros por motivações que muito pouco ou mesmo nada têm de religioso. O certo é que decidiram fazer aquela viagem a pé. E é para ir a festas em santuários, e não à praia ou a jogos de futebol, que se organizam grupos de cavaleiros como em Ponte de Lima, onde o Sr. José Viana diz que “há um roteiro mesmo, ali, no mês de agosto todos os fins-de-semana há romarias a cavalo.” As relações com as religiões instituídas e com o religioso em geral estão claramente a passar por profundas evoluções, com uma crescente personalização das práticas. Em parte por isso, é sempre incompleto observar uma manifestação como a romaria a Santo António sem poder desenvolver a necessária atenção a todo o seu contexto, começando pela realidade presente da devoção ao santo além da celebração da sua festa ou, de maneira mais geral, as evoluções dos comportamentos. Há quem só venha a Mixões marcar uma presença “decorativa” no dia da bênção, mas o Sr. Luís, cavaleiro de Prado, costuma ir igualmente ao santuário noutras alturas ao longo do ano, sem animais, e frequenta diversas outras romarias, algumas a pé ou a cavalo.

Além de ser uma celebração religiosa, a romaria de Santo António de Mixões da Serra é a festa com a qual, através do envolvimento dos membros da Confraria, uma pequena comunidade afirma a sua ancoragem no passado e celebra o que quer continuar a ver como a sua identidade rural, “minhota”. Este mesmo desejo é amplamente partilhado à escala de uma região em que, apesar da grande diversidade interna, continua muito ativa a identificação coletiva (o que não significa adotada de maneira inteiramente igual por todos) que foi “sobretudo pincelada pelo olhar romântico da viragem do século XIX para o século XX” (Gonçalves, Remoaldo e Costa 2009: 411) e em que o universo cultural camponês e a exuberância festiva ocupam um lugar de relevo. A vontade de encontrar meios para dar continuidade a esta imagem partilhada faz com que seja possível encontrar em Mixões quem tenha a ideia segundo a qual se deveria subsidiar criadores de gado para comparecerem na bênção com os seus animais e assim permitir a permanência de um espetáculo tão apreciado. Semelhante encenação obrigaria a acrescentar este custo ao orçamento já frágil de uma festa que implica pagar a banda, a GNR, o fogo de artifício... Como diz o Pe. Miguel, “A grande força é a contar com as esmolas das pessoas, que vão deixando” mas “os tempos hoje são muito diferentes, as esmolas que as pessoas dão... pagam as suas promessas mas

a nível diferente do passado... faz parte dos tempos” e “temos de contar com alguns patrocínios, a junta de freguesia, a câmara municipal, a ATAHCA, empresários, pessoas individuais...”. A este respeito, é de salientar que a Confraria nunca dispôs de grandes orçamentos para a organização do arraial, o que explica talvez a ausência de documentos antigos, como os cartazes ou os programas que é habitual existirem noutras festas e nos permitem ter uma melhor ideia de como tem evoluído a sua programação.

Outras festas que enfrentam problemas semelhantes parecem ter encontrado soluções. Na Feira dos 27 em São Torcato, Guimarães, organizada pela Irmandade e ligada a uma romaria estival que já foi das mais importantes no país, um concurso de pecuária atrai muitos participantes. A 27 de fevereiro de 2023, umas 70 cabeças de gado, algumas cangadas, todas enfeitadas, muitas com chocalhos, compunham um impressionante e sonoro conjunto que foi benzido coletivamente (e não individualmente como em Mixões ou nalguns outros santuários) no terreiro da basílica, perante uma assistência de centenas de pessoas. Com só 3 pessoas a immortalizarem a cena, o ratio fotógrafos/vacas era bem diferente do de Mixões. Dominava o sentimento da expressão festiva de uma atividade económica

viva, e não de uma preservação espetacularizada e algo artificial. Imagens...

Houve há muitos anos uma tentativa de organização de concurso em Mixões, mas não vingou. Caso a Confraria deseje contrabalançar a presença quase exclusiva na bênção de equinos ou animais de companhia e ter de novo um “mar de gado” no adro, poderia voltar a ponderar a ideia e procurar os necessários patrocínios, que permanecem uma dificuldade. Teria assim uma possibilidade de voltar a introduzir no circuito económico que a produziu originalmente uma romaria em que atualmente só se negociam raras vendas de cavalos. No concelho de Vila Verde, a Feira dos 20, em Prado, é há séculos dos mais importantes mercados de gado no Norte. Ao programa, que integra um concurso de pecuária, foi acrescentada recentemente uma bênção do gado:

Albano Bastos, presidente da Junta de Freguesia de Prado, mostra-se satisfeito pelos milhares de pessoas que nos últimos três dias cumpriram a tradição de rumar ao certame, vivendo o que consideram ser uma romaria minhota por excelência, onde os “comes e bebes”, as concertinas dão ânimo a cada esquina e onde os animais são os grandes protagonistas da festa. (Amaral Caldeira 2020)

Uma “romaria minhota por excelência”: a romaria de Santo António de Mixões da Serra também pode reivindicar esta qualidade. Aliás, que festa da região não o poderia fazer, mesmo aquelas em que os animais não são necessariamente “os grandes protagonistas da festa”? São conhecidos os clichés sobre “o minhoto”: é “profundamente devoto” mas também “mais festivo do que religioso”, apegado à “folia permanente das festanças e romarias” que são “Em nenhum lugar tão numerosas e frequentes como no Minho”. Esta é uma imagem que tem sido veiculada desde o século XIX por inúmeros escritores e investigadores e que é reativada com regularidade pelas entidades de apoio ao turismo local (Gonçalves, Remoaldo e Costa 2009: 432, 434, 436).

Da mesma maneira que a tipificação dos minhotos, a caracterização das suas romarias “por excelência” é conhecida pelos habitantes da região e mobilizada na sua própria definição identitária: abundância gastronómica, exuberância colorida, sonoridades ácidas, pirotecnia desmedida... Este próprio trabalho (cujo título faz aliás referência a “uma romaria

do Minho”) é uma ilustração da maneira como se têm multiplicado nos últimos anos as iniciativas de inventariação, divulgação, promoção, tanto das festas como de muitos outros traços da cultura popular. Tentativas de transformar manifestações culturais em recursos económicos tendem a acentuar os seus lados curiosos e pitorescos e a considerá-las fora do contexto que lhes dava o seu sentido original. A iniciativa do Pe. Marques não tinha qualquer intuito de turistificação. Mas, ao separar o dia do santo e a bênção dos animais, embora devidamente enquadrada do ponto de vista ritual, iniciou de facto uma certa distanciação entre a religião instituída e uma prática mais próxima da esfera de religiosidade popular, algo que o contexto presente de enfraquecimento da influência da Igreja só veio acentuar.

O próprio Pe. Miguel mostra-se ciente desta situação:

Não digo que não se vai organizar a festa, não digo que não se vai conseguir trazer aqui uma banda, mas eu não sei se haverá uma ligação a Santo António como uma festa religiosa. (.../...)
Pela experiência que vou tendo, que ainda é pouca, há muitos jovens que até colaboram porque é um sentimento de pertença, muito apego, porque isto é nosso, estão a colaborar com a Igreja, mas sem grande ligação a ela. Até podem pegar no andor. Numa leitura talvez errada da minha parte, será mais para manter do que por devoção. A missa, por exemplo, passa-lhes ao lado. (.../...)

Um estudo sociológico realizado por Manuel Carlos Silva em duas aldeias do Minho mostra que é por ocasião da festa que se tornam mais visíveis “os diversos contextos de maior ou menor poder eclesiástico”:

A Igreja e, em particular o seu representante, o pároco, que até início dos anos setenta do século XX, constituía uma peça chave na organização comunitária, vem sofrendo, sobretudo desde então, senão uma erosão, pelo menos, uma notável redução do seu poder, que a torna apenas mais um entre demais contendores do poder local. (Silva 2009: 622)

É mais ou menos a partir do mesmo momento que se relaxaram os até então intensos esforços da Igreja para controlar o que via como os “excessos” das promessas e das romarias. E é também quando se iniciou uma lenta mudança do olhar sobre a “cultura popular”, reapropriada e emblematizada pelos atores das identidades locais, por vezes tornada num produto comercial. No campo do controlo das formas de expressão da religiosidade popular, o poder eclesiástico encontra agora menos “o povo” do que outras forças, quiçá mais poderosas: os interesses turísticos e os seus diversos atores. O Pe. Miguel pensa que:

Talvez nunca acabe a festa de Santo António de Vila Verde, sobretudo se se mantiver ligada ao município. Não sei se se continuará a associar a Santo António, ao santo, ao modelo de vida. Em Lisboa as marchas vão manter-se por longas décadas, mas será que as procissões também?

Não se pode responder sem dispor de um dom de clarividência que nem Santo António tinha. Mas é possível lembrar, como faz Pierre Sanchis (1983: 214) em conclusão do seu estudo, que “o povo” dispõe sempre da “grande arma popular frente a todos os dominantes: a reinterpretção”. É em parte por isso que as vias das dinâmicas culturais são muitas vezes insondáveis, e os seus resultados inesperados. Embora agora mais diverso e fragmentado, mais individualizado e escapando muitas vezes ao poder de controlo das instituições eclesíásticas, ou passando pelo aparecimento de novas igrejas, o fenómeno religioso está muito longe de ter desaparecido das sociedades europeias, ao invés do que se chegou a vaticinar há algumas décadas. As multidões que povoam as romarias portuguesas não procuram só “turismo religioso”.

É também durante o último meio-século que se tem desenvolvido a ideologia animalista que norteia a mudança das nossas atitudes perante as outras criaturas, desde a simples defesa dos “direitos dos animais” até posições anti-especistas que negam o que seria a diferença essencial da humanidade e propõem uma reconsideração radical da sua posição no universo. A afirmação dessas ideias faz com que, entre muitos outros mimos que lhes fazemos, levemos cada vez mais animais de companhia para serem benzidos, em Mixões ou muitos outros santuários. Mas é algo irónico que esteja ao mesmo tempo na raiz de alguns sérios problemas de imagem da agropecuária, atividade económica agora acusada de maus-tratos a animais e de degradações ambientais - acusações fundadas ou não, é outro assunto. Nada indica que a gastronomia minhota esteja para já virada para um abandono das diversas carnes que constituem uma das suas bases, longe disso. Mas é um facto que poucas vacas vão agora todos os anos ao encontro de Santo António.

As crianças que levam um gatinho ou um cachorro à bênção são demasiado jovens para terem visto



o terreiro de Mixões ocupado por um gigantesco rebanho. E estão perfeitamente felizes assim. A saudade dos mais velhos é compreensível. Mas enquanto a humanidade atravessou centenas de milénios sem se preocupar em demasia com a sobrevivência das suas tradições, que mudam sempre, mais ou menos depressa, tornamo-nos obcecados com a preservação forçada, e ilusória, de ideias e de comportamentos que perderam as suas razões sociais e económicas de ser, mas que persistimos em carregar de significados afetivos profundos.

Verdade seja dita, esta perspetiva não seria muito do agrado de quem vive a romaria há muitos anos: “É pena é que haja pouco gado, poucas vacas. E havia de se fazer qualquer coisa, mas mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, e não há nada a fazer.” “Devia ter visto, mas era para aí há... 25, 30 anos, que isso se transformou muito.” “Já não tem nada a ver.” “Está tudo a acabar...” O pequeno povo de Santo António terá perdido otimismo, alento e rumo? Ele deveria ser o primeiro a saber que o santo o ajudará a reencontrá-los.

BIBLIOGRAFIA

(os links foram todos consultados em dezembro de 2022)

ADB: Arquivo Distrital de Braga.

AMARAL CALDEIRA Marta: 2020, "Animais são ex-libris de romaria minhota", *Correio do Minho*, 21/01/2020
<https://correiodominho.pt/noticias/animais-sao-ex-libris-de-romaria-minhota/122523>

AMORIM Maria Adelina: 2016, "O culto de Santo António no mundo", in Teotónio Pereira & Cintra Gomes (org.) *Museu de Lisboa. Santo António - Guia*, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

ANTUNES PEREIRA Pedro: 2008, "Bênção de animais acidentada", *Jornal de Notícias* 10/06/2010
<https://www.jn.pt/local/noticias/braga/vila-verde/bencao-de-animais-acidentada-956261.html>

BARATAY Éric: 1998, *L'anthropocentrisme du christianisme occidental*, in B. Cyrulnik (org.), *Si les lions pouvaient parler: Essais sur la condition animale*, Paris, Éditions Gallimard.

BARCA FM: 2018, "Rixa entre cavaleiros em Azias obriga a intervenção da GNR e Bombeiros"
<https://www.barcafpm.pt/rixa-entre-cavaleiros-emazias-obriga-a-intervencao-da-gnr-e-bombeiros/>

BASTAIRE Jean; BASTAIRE Hélène: 2001, *Chiens du Seigneur - Histoire chrétienne du chien*, Paris, Éditions du Cerf.

BASTAIRE Jean; BASTAIRE Hélène: 2010, *La création, pour quoi faire?*, Paris, Éditions Salvator.

CARVALHO DA COSTA António: 1706, *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal...* Tomo I, Lisboa, Oficina Valentim da Costa Deslandes.

CERQUEIRA Nuno: 2019, "Bênção dos animais juntou milhares em Mixões da Serra", *Diário do Minho*, 09/06/2019.
<https://www.diariodominho.pt/noticias/regiaoobencao-dos-animais-juntou-milhares-em-mixoes-daserra-144590>

Chaves Luís: 1938, "Os santos populares. Santo António e São Pedro nas tradições portuguesas", *Brotéria. Revista contemporânea de cultura*, nº17.

CUNHA Alfredo: 2021, *A bênção dos animais. Fotografias de Alfredo Cunha*, Município de Vila Verde.

DAMÁSIO DOS SANTOS Isabel: 2016, "Santo António milagreiro", in Teotónio Pereira & Cintra Gomes (org.) *Museu de Lisboa. Santo António - Guia*, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Ecclesia: 2013, "Vaticano: Bênção de animais na Praça de São Pedro assinala festa de Santo Antão", Ecclesia, 17/01/2013.
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-bencao-de-animais-na-praca-de-sao-pedro-assinala-festa-desanto-antao-2/>

EPATV: 2022, "Santo António de Mixões da Serra é um retrato de Portugal com todos os seus defeitos e virtudes", entrevista com Alfredo Cunha, Escola Profissional Amar Terra Verde.
<https://epatv.pt/artigos-revista-ter/santo-antonio-de-mixoes-da-serra-e-um-retrato-de-portugal-com-todos-os-seus-defeitos-e-virtudes-alfredo-cunha/>

FALASSI Alessandro: 1987, *Time out of time. Essays on the festival*, Albuquerque, University of New Mexico Press.

FONTENAY Élisabeth de: 2013, "L'Église et l'animal", Radio France, 26/03/2013.
<https://www.radiofrance.fr/franceinter/l-eglise-et-l-animal-2956110>

FRAGOSO DE ALMEIDA Rita: 2016, "Casa e Igreja De Santo António", in Teotónio Pereira & Cintra Gomes (org.) *Museu de Lisboa. Santo António - Guia*, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

GONÇALVES Albertino, REMOALDO Paula Cristina, COSTA Joaquim: 2009, "As gentes do Minho", in Coletivo, *Minho. Traços de identidade*, Universidade do Minho.

ISNART Cyril: "Raconter saint Antoine à Lisbonne. Acteurs, performances et effets du discours hagiographique contemporain", *Cahiers de Littérature Orale*, nº 79.
<https://journals.openedition.org/clo/2656>

Le Devoir: 2003, "Jour de saint Antoine l'Abbé, patron des animaux - L'Église ouvre ses portes à ses amies les bêtes", *Le Devoir*, 18/01/2003.
<https://www.ledevoir.com/societe/18604/jour-desaint-antoine-l-abbe-patron-des-animaux-l-egliseouvre-ses-portes-a-ses-amies-les-betes>

LINSEY Andrew: 1994, *Animal theology*, Chicago, University of Illinois Press.

MAGALHÃES Maria Helena: 2016, "Mixões da Serra, onde tudo escorre...", *Jornal I*, 05/05/2016.
https://online.sapo.pt/artigo/509572/mixoes-da-serra-onde-tudo-escorre-seccao=Opinioao_i

MARQUES António Pereira: 1999, *Santo António de Mixões da Serra. Ritual festivo do milagroso santo*, Vila Verde, Edição do autor.

MARQUES António Pereira: 1999b, *Bênção dos animais em Mixões da Serra. Um espectáculo de luz cor e fé*, Vila Verde, Edição do autor.
<https://aqualibri.cimcavado.pt/bitstream/20.500.12940/13090/1/Ben%C3%A7%C3%A3o-dos-animais-em-Mix%C3%B5es-da-Serra.pdf>

MEIRELES Ana: 2021, "Zoo de Lisboa tem cemitério para animais domésticos", *Diário de Notícias*, 01/10/2021.
<https://www.dn.pt/local/zoo-de-lisboa-tem-cemiterio-para-animais-domesticos-14178005.html>

Notícias de Viana: 2020, "Santo Antão e a bênção das criaturas", 21/02/2020.
<https://noticiasdeviana.pt/santo-antao-e-a-bencao-das-criaturas/>

SANCHIS Pierre: 1983, *Arraial: festa de um povo. As romarias portuguesas*, Publicações Dom Quixote.
<https://books.openedition.org/etnograficapress/5777>

SANTOS Adélia: 2021, "A bênção dos animais ou O culto de Santo António de Mixões da Serra", in Cunha, *A bênção dos animais. Fotografias de Alfredo Cunha*, Município de Vila Verde.

SILVA Manuel Carlos: 2009, "Religiosidade, Igreja e poder. Configurações em duas aldeias minhotas", in Coletivo, *Minho. Traços de identidade*, Universidade do Minho.

SILVA Pedro Luís: 2022, "Já há no Minho uma funerária para animais", *O Minho*, 22/05/2022.
<https://ominho.pt/ja-ha-no-minho-uma-funeraria-para-animais/>

TEOTÓNIO PEREIRA Pedro, CINTRA GOMES Joana (org.): 2016, *Museu de Lisboa. Santo António - Guia*, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

FILMOGRAFIA

ALVES COSTA Catarina: 1994, *Senhora Aparecida*, SP Filmes.
<https://vimeo.com/409253197>

LOZNITSA Serguei: 2012, *The miracle of Saint Anthony*, Curtas Metragens C.R.L.
https://loznitsa.com/movie/the_miracle_of_saint_anthony



CRÉDITOS

TÍTULO

Sant'Antoninho o guarde!

Humanos e animais numa romaria do Minho:
Santo António de Mixões da Serra

DIREÇÃO

Júlia Rodrigues Fernandes
(Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde)

COORDENAÇÃO

Adélia Santos

TEXTO

Jean-Yves Durand
CRIA-UMinho / IN2PAST

DESIGN E IMPRESSÃO

Folk & Wild - serviços criativos para património

FOTOGRAFIA DA CAPA

Foto Felicidade

FOTOGRAFIAS

Foto Felicidade (FF), Adélia Santos (AS),
Adelino Silva (ASV), Armando Carriço (AC),
Maria João Nunes (MJN), Jean-Yves Durand (JYD),
Folk & Wild (FW)

EDIÇÃO

Município de Vila Verde

ISBN

978-989-53444-4-4

Proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo
desta obra sem autorização dos autores e editores.



Vila Verde
Município



Cofinanciado por

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional